



**UNIVERSIDADE DO PLANALTO CATARINENSE
PRÓ-REITORIA PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO,
PESQUISA E EXTENSÃO.
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO*
SENSUM MESTRADO ACADÊMICO EM EDUCAÇÃO**

ÉRICO PAES DE CAMPOS

**HETERONORMATIVIDADE NUM ESPAÇO ESCOLAR DE
LAGES SC:
SEXUALIDADE E RELAÇÕES DE PODER**

**LAGES
2017**

ÉRICO PAES DE CAMPOS

**HETERONORMATIVIDADE NUM ESPAÇO ESCOLAR DE
LAGES SC:
SEXUALIDADE E RELAÇÕES DE PODER**

Qualificação de Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Educação, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Planalto Catarinense. Orientadora: Profa. Dra. Carmen Lúcia Fornari Diez.

**LAGES
2017**

Ficha Catalográfica

C198h

Campos, Érico Paes de.

Heteronormatividade num espaço escolar de Lages (SC):
sexualidade e relações de poder / Érico Paes de Campos.--
Lages (SC), 2017.

151 p.

Dissertação (Mestrado) - Universidade do Planalto
Catarinense. Programa de Mestrado em Educação da Universidade do
Planalto Catarinense

Orientadora: Carmen Lúcia Fornari Diez.

1. Homofobia nas escolas. 2. Homossexualidade. 3. Ambiente
escolar. 4. Discriminação de sexo na educação. I. Diez, Carmen
Lúcia Fornari. II. Título.

CDD 372.372



UNIVERSIDADE DO PLANALTO CATARINENSE

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO (PPGE)
MESTRADO ACADÊMICO

A Heteronormatividade num espaço escolar de Lages SC: Sexualidade e Relações de Poder

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, na Linha de Pesquisa I: Políticas e Processos Formativos em Educação.

Aprovada em 17 de fevereiro de 2017

Prof. Dra. Carmen Lúcia Fornari Diez-Orientadora (PPGE/UNIPLAC)

Prof. Dr. Geraldo Balduino Horn (PPGE/UFPR)

Prof. Dra. Vanice dos Santos (PPGE/UNIPLAC)

Prof. Dr. Geraldo Augusto Locks (PPGE/UNIPLAC)

Prof. Dra. Mareli Eliane Graupe
Coordenadora do PPGE/UNIPLAC

Prof. Dra. Lurdes Caron
Coordenadora Adjunta do PPGE/UNIPLAC

Lages, Santa Catarina, fevereiro de 2017.

Dedico aos meus pais Érico e Zilca e a minha irmã Roberta. À Dóris, amiga leal e companheira de toda esta jornada de estudos e ao Padre Dilmar Sell que com sabedoria soube me ouvir e aconselhar.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro agradeço a Deus pela vida, saúde, por me manter próximo a família e me permitir viver este momento.

À Professora Dra. Carmen Fornari Diez, estimada orientadora da minha pesquisa e principalmente por ser uma pessoa sem igual, pois sua gentileza, doçura e nobre inteligência me inspiraram em ir sempre além. Seus apontamentos realizados sempre com zelo, prudência e polidez irretocáveis me tornaram mais humano. A ela minha eterna gratidão.

À Professora Dra. Mareli Eliane Graupe, minha coorientadora por determinado período, sempre solícita nos mostrando que podemos mais me tornando desta forma uma pessoa com mais vontade e força.

À Professora Vanice dos Santos por aceitar a missão de avaliar minha dissertação, e com suas indagações me instigar a busca por novos saberes, mas principalmente por mostrar que a empatia pode caminhar junto com tanto conhecimento. Vanice, muito obrigado.

Ao Professor Dr. Geraldo Augusto Locks por também aceitar a missão de avaliar minha pesquisa, e por me abrir os olhos as tantas mazelas humanas que nos cercam, e com seu carinho nas suas aulas me fizeram refletir e me reconstruir.

À Professora Marina Patrício por, sempre sorridente, nos pontuar que embora tentemos ser neutros, não existe neutralidade, me utilizando de suas palavras: Sua paixão pelo ato de educar é para mim motivo de inspiração. Sou grato por me fazer entender que tudo realmente pode mudar em vinte minutos e também pelas palavras lisonjeiras direcionadas a mim que me fortaleceram e mantiveram de pé.

À Professora Selma que chegou de mansinho, mas com força e responsabilidade deixou seu recado, e sempre nos disponibilizando materiais seus no intuito de contribuir.

À Professora Lúcia Ceccato, por seu altruísmo e preocupação além das aulas para com minha pessoa, sua sensibilidade me fez não desistir e acreditar além das minhas capacidades e que com sua generosidade me acolheu e compreendeu apenas com o olhar, as aflições pelas quais eu passava. Muita luz amada professora, muito obrigado.

Ao professor Geraldo Balduino Horn, por aceitar o convite em estar na banca, por se desprender em vir e me ouvir.

Aos profissionais da secretaria da PPGE da UNIPLAC pelo empenho e desdobramento sempre com sorriso no rosto.

Aos meus pais que acompanham minha transformação profissional e humana, por acreditarem que tudo pode ser diferente, por uma vida de batalhas para me proporcionar o que consideraram ser o melhor.

À inestimável amiga de mestrado e vida Doris, que sempre esteve ao meu lado, fiel, correta, justa, ética e conselheira. Suas contribuições não caberiam aqui, sou grato por sua benevolência, por me fazer ver aquilo que não via e por depositar em mim bônus que nem eu sabia que possuía. Muito obrigado.

À multidão dos amigos de luz que me cercam. Seria injusto citar nomes, pois além de alongar este escrito poderia deixar de nomear alguém. Agradeço a todos pela confiança, pelas palavras de estímulo, por torcerem juntos, por lamentarem minha ausência em tantos momentos onde os troquei pelos amigos livros. Agradeço a cada qual!

Precisamos resolver nossos monstros secretos, nossas feridas clandestinas, nossa insanidade oculta. Não podemos nunca esquecer que os sonhos, a motivação, o desejo de ser livre nos ajudam a superar esses monstros, vencê-los e utilizá-los como servos da nossa inteligência. Não tenha medo da dor, tenha medo de não enfrentá-la, criticá-la, usá-la.

Michel Foucault

RESUMO

O objeto de estudo desta dissertação é a heteronormatividade que se faz presente na sociedade e em suas instituições, sendo a escola um destes espaços que perpetuam discursos e legitimam regimes de verdades, propiciando e justificando ações homofóbicas. Simultaneamente a escola possibilita a desconstrução de padrões e a revisitação de conceitos através de ações pedagógicas que possibilitem reflexões acerca de temas sociais e relevantes. Frente a estas questões, este estudo, tem como objetivo fazer uma pesquisa em espaço escolar onde estudam alunos de ensino médio. Para tanto, busca conhecer um pouco da construção do pensamento e assimilações sobre a hipótese repressiva estudada por Michael Foucault na história da sexualidade sob o prisma da vontade de saber, bem como se propõe a refletir sobre a fabricação dos corpos, o adestramento nos espaços disciplinares na sociedade moderna, como os dispositivos de poder que utilizam estratégias para as confissões, o falar sobre si e seus segredos visando à normalização de comportamentos e posturas. Entendendo que as relações de poder estão em todos os lugares busca-se compreender como se produziram e se produzem através dos discursos estereótipos acerca dos indivíduos homossexuais. A pesquisa empírica se constitui em averiguação com estudantes e professores do 3º ano de ensino médio de uma escola estadual de Lages SC, através de entrevistas —com a utilização do instrumento de um questionário semiestruturado—, para que se observem as relações de poder que envolvem a heteronormatividade e conseqüente homofobia neste espaço escolar. As considerações finais, mas provisórias apontam a presença da homofobia neste espaço escolar, os discursos de professores e alunos confirmam que a sexualidade heteronormativa tida como ideal a ser seguido, serve para normalização das demais sexualidades. Tanto professores quanto alunos trouxeram a luz respostas das vivências nesta escola que demonstra que a homofobia ocorre, por vezes de forma velada, e por outras de forma explícita e agressiva. A pesquisa permitiu muitas respostas dos objetivos propostos, mas também abre muitas outras possibilidades e indagações.

Palavras Chaves: Heteronormatividade; Poder; Homofobia; Espaço escolar.

ABSTRACT

The object of study of this dissertation is heteronormativity that is present in society and its institutions, being the school one of these spaces that perpetuate discourses and legitimize regimes of truths, propitiating and justifying homophobic actions. Simultaneously, the school enables the deconstruction of standards and the revision of concepts through pedagogical actions that allow reflections on social and relevant issues. Faced with these questions, this study aims to do a research in school space where high school students study. To do so, it seeks to know a little about the construction of thought and assimilations on the repressive hypothesis studied by Michael Foucault in the history of sexuality under the prism of the will to know, as well as proposes to reflect on the manufacture of bodies, training in disciplinary spaces In modern society, such as power devices that use strategies for confessions, talking about themselves and their secrets aimed at normalizing behaviors and postures. Understanding that power relations are everywhere seeks to understand how they have produced and are produced through stereotypical discourses about homosexual individuals. The empirical research is an investigation with students and teachers of the 3rd year of high school of a state school of Lages SC, through interviews —with the use of the instrument of a semi structured questionnaire para, so that the power relations involving the Heteronormativity and consequent homophobia in this school space. The final, but provisional, considerations indicate the presence of homophobia in this school space, the discourses of teachers and students confirm that the heteronormative sexuality considered as an ideal to be followed serves to normalize the other sexualities. Both teachers and students have brought to light the answers of the experiences in this school that shows that homophobia occurs, sometimes in a veiled way, and by others in an explicit and aggressive way. The research has allowed many answers of the proposed objectives, but also opens many other possibilities and questions.

Keywords: Heteronormativity; Power; Homophobia; School space.

LISTA DE FIGURAS E QUADROS

Figura 1: Foto do pátio e área aberta da escola_____87

Figura 2: Pirâmide hierarquia na escola_____92

Quadro 1: Perfil dos professores_____105

Quadro 2: Perfil dos alunos_____107

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	23
CAPÍTULO 1 – A HISTÓRIA DA SEXUALIDADE SOB O PRISMA DA VONTADE DE SABER	30
1.1– POR QUE ACREDITAMOS NA HIPÓTESE REPRESSIVA?	34
1.2 – EXERCÍCIOS DE PODER NA FABRICAÇÃO DOS CORPOS	38
CAPÍTULO 2 - CONFISSÕES DA CARNE	50
CAPÍTULO 3 – ESCOLA COMO ESPAÇO DE VIGILÂNCIA E CONTROLE	63
3.1-ESCOLAS COMO POSSIBILIDADES NA DESCONSTRUÇÃO DE ESTIGMAS	72
CAPÍTULO 4 – A PESQUISA NA ESCOLA	83
4.1 – O PERFIL DA ESCOLA	85
4.2 – O CAMINHO PERCORRIDO	88
4.3 – O PERFIL DOS ALUNOS	98
4.4–O INSTRUMENTO DE PESQUISA	100
4.5 – RELATOS DE PROFESSORES E ESTUDANTES	105
4.5.1 – ORIENTAÇÃO SEXUAL DOS ENTREVISTADOS	109
4.5.2 – IMAGENS QUE A PALAVRA HOMOSSEXUAL EVOCA	111

4.5.3 – CONCEPÇÕES HOMOSSEXUALIDADE	113
4.5.4 – AUTOAVALIAÇÃO DO EDUCADOR SOBRE PREPARO NO TRATO DA TEMÁTICA HOMOFOBIA	118
4.5.5- PERCEPÇÃO DO ALUNO SOBRE O PREPARO DOCENTE PARA TEMATIZAR A HOMOFOBIA	120
4.5.6-PERCEPÇÃO DOCENTE DE PRÁTICAS HOMOFÍCAS NA ESCOLA	123
4.5.7 – PERCEPÇÃO DISCENTE DE PRÁTICAS HOMOFÓBICAS NA ESCOLA	125
CONSIDERAÇÕES FINAIS, MAS PROVISÓRIAS.	130
5 – POEMA SER EU	136
REFERÊNCIAS	137
6 - ANEXOS:	144
6.1 – QUESTIONÁRIO	145
6.2 – CRONOGRAMA	150
6.3 – DECLARAÇÃO DE COMPROMISSO DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL	151
6.4 – DECLARAÇÃO DE CONCORDÂNCIA DAS INSTITUIÇÕES ENVOLVIDAS	152
6.5 – APROVAÇÃO NO CONSELHO DE ÉTICA	153

PREFÁCIO

Este escrito surge como trabalho de pesquisa e dissertação do Mestrado em Educação da Universidade do Planalto Catarinense UNIPLAC, porém a vontade de expressar algumas experiências relacionadas à homofobia é muito anterior.

O fato de ter sofrido a homofobia nas escolas que estudei é sem sombra de dúvida o motor pela escolha do tema, porém hoje ser professor, e ainda ver alunos passando pelo que passei é motivador ainda maior. Como estudante de escolas públicas em Lages SC num passado remoto eu vivenciei situações que me trouxeram indignações devido a força dos atos efetuados por colegas estudantes e inclusive por profissionais da educação. Minha memória apagou muitos dos rostos daquela época, mas não as ações recebidas.

Na época o chamado Segundo Grau, hoje Ensino Médio, foi o período mais complexo da minha juventude no que tange o convívio social, pois era claro e evidente o rancor e desprezo que alguns meninos por mim sentiam; era algo que eu não compreendia e que me causava extrema indignação. Foram tempos difíceis e atípicos, ou talvez típicos para um jovem não heteronormativo, um jovem que não correspondia aos padrões e posturas comportamentais impostos pela sociedade.

Falar sobre sexualidade nas escolas públicas pelas quais estudei, era temática rara e quando ocorria tinha apenas o viés biológico, quando por vezes tínhamos uma palestra, ou mesmo nas aulas de biologia, e estes momentos para minha pessoa eram e de apreensão e angústia, pois em geral eu me tornava o alvo de piadas e anedotas proferidas pelos colegas e escola durante e após estes momentos.

Como exemplo muito nítido em minhas recordações:

- Professora por que o Érico é assim meio mulherzinha?

Risadas cruzavam a sala, e para piorar a professora apenas dizia.

- Chega disto, fiquem quietos, agora é aula.

Além de a piada se alastrar por pelo menos alguns dias, eu saía cheio de dilemas: “por que será falam isto de mim, se sou menino?”.

Em poucos anos troquei algumas vezes de escola, por não suportar o peso de receber tratamentos que naquele momento eu não compreendia, meu rendimento escolar se deteriorava a cada nova escola que me matriculava, (a justificativa da queda no rendimento evitava qualquer outra possibilidade e de perguntas por parte dos meus familiares).

Entre dezenas de situações indignantes, lembro-me de uma surra que tomei na volta da escola para casa ao meio-dia, os três agressores queriam que falasse que era menina, e eu não disse, reafirmava ser homem, me socaram, chutaram e saíram rindo. Meu desespero maior não foi o de apanhar e sim o que eualaria em casa, pois estava sujo e escoriado. Quando passei pela porta minha mãe perguntou:

- O que houve?

E eu respondi que havia sido atropelado por uma bicicleta, meu pai saiu de carro comigo procurar o irresponsável ciclista. Nunca achamos a inexistente bicicleta, e também nunca mais se falou no assunto.

As primeiras vezes que escutei os palavrões que depreciavam alguém não heterossexual de forma agressiva e degradante, estas foram ditas para minha pessoa. Estes mesmos palavrões até hoje são usados.

Na tentativa em tentar compreender o que acontecia comigo me questionava, o que era? O que eu serei?

Iniciei então uma cruzada na busca por leituras e informações sobre o que significava ser o que apontavam que eu era.

Na biblioteca de uma das escolas que frequentei durante o longo segundo grau, encontrei uma obra intitulada: Tudo o que você queria saber sobre Sexo, escrito pelo Dr. David Reuben. Demorei algum tempo para ter coragem de pegar o livro na mão, mas quando o fiz fui direto ao sumário e descobri que havia um capítulo que talvez me ajudasse. Iniciava-se então outro processo, o de me armar de coragem em pegar o livro emprestado e o levar para casa e enfim, muito escondido, o fiz, lembro até hoje as sensações que aquele momento me causou.

O deslocamento do livro dentro de casa de uma peça para outra para conseguir ter rápidas e escondidas leituras era como transportar algo muito perigoso e proibido. Comecei através de breves incursões e leituras, uma busca por noções de quem eu era e a que mundo pertencia. Para minha total decepção o Capítulo 8 intitulado: Homossexualidade Masculina - reforçava de forma cruel tudo aquilo que eu já escutava. O autor, na sua abordagem, relatava suas experiências como psicanalista e trazia afirmações que, segundo ele, depois de anos de pesquisas e experimentos descobrira que os homossexuais eram sádicos, sodomitas, pervertidos, seres humanos invertidos que jamais encontrariam a felicidade dentre tantas outras colocações que tiraram de mim qualquer

esperança ou luz no fim do túnel de ser alguém digno, aliás, bem pelo contrário, me fizeram sentir merecedor de tudo o que eu passava.

Logo após este momento numa das longas visitas a cidade de Curitiba nas sempre tão esperadas férias, desta vez Julho do ano 1986 (parte da família da minha mãe lá reside), ganhei do meu padrinho (ele um ex-padre), um livro intitulado “Viva a Vida – Ensaios de Bioética”, escrito pelo Padre Paulo Guazeli. Na dedicatória escrita por ele, dizia: “leia, reflita e se encontre”, por isto sei a data exata 21/07/1986, um dia antes do meu aniversário de 16 anos, livro este que possuo até hoje. Fui ler o livro desta vez sem ser escondido e sem ter medos pois era um presente de quem eu amava. A obra tratava de vários temas voltados aos jovens, como virgindade, casamento, masturbação, namoro, álcool, sexo e homossexualismo. Sim isto mesmo, homossexualismo e este subdividido em duas partes, onde trazia depoimentos de jovens que com muito fervor e perseverança foram curados do terrível mal que lhes afligia. A leitura me fez ter certeza de que realmente era eu o errado, pois o autor confirmava ainda que com fé e vontade qualquer pessoa se curaria desta perversão. Então mergulhei na lama dos insensíveis e já não me sentia mais ferido com xingamentos, desprezo e surras, pois tudo aquilo que me acontecia já não causava efeito, talvez eu até merecesse.

Ao voltar destas mesmas férias para a escola onde estudava, fomos convidados a mais uma palestra, e por ironia do destino era um padre local divulgando o livro que eu recém tinha ganhado do meu padrinho. O palestrante distribuiu um exemplar a todos os estudantes do segundo grau. Fiquei arrasado, não sabia o que agora poderia acontecer, pois agora todos leriam e teriam mais argumentos ainda para me massacrar. Sem contar que na mesma palestra o padre pediu para que

todos os amigos ajudassem quem por ventura pudesse estar desviado e se tornando um homossexual, a sair desta. Ninguém tentou me ajudar de verdade pelo que lembro. Na verdade tudo conspirava contra. Eu desejava um milagre.

Hoje chega a ser engraçado estas desventuras, pois todo amigo gay da minha faixa etária e até mais novos, passaram por igual situação, ou pior. Por anos carreguei o legado e o fardo de uma extrema baixa estima. Se tudo ocorresse somente na escola, o sofrimento não seria tão perverso. Nas relações familiares também comecei a perceber sutis toques que alguma coisa deixava alguns parentes desconfortáveis e curiosos.

Entre outros fatos a contar tinha aquela eterna tia que todo domingo de almoço familiar (uma tradição naquela época), vinha me perguntar:

- Já achou namorada? Não vá ser a decepção da família, todos os seus primos já têm namoradinhas. Só você que não!

Mais um motivo de recolhimento e isolamento.

Para piorar, e sim pode piorar, as referências televisivas eram desastrosas e hoje fica claro que influenciaram muito aquela geração a emitir bordões e piadas infames sobre os gays.

Recordo mais claramente de dois gays apresentados na TV que traziam personagens homossexuais, o então Capitão Gay¹ num programa televisivo na Rede Globo de humor e no SBT em outro programa de

¹Capitão Gay (Jô Soares) e seu assistente Carlos Suely (Eliezer Motta). Mostrava personagens caricatos num *colant* cor de rosa. FUXICO, o. In: (https://pt.wikipedia.org/wiki/Viva_o_Gordo#Personagens). Download 13/04/2016.

humor havia a Vera Verão². Eu não queria ser nenhum deles. Foram períodos complicados.

Mas o desejado milagre e oportunidade de rompimento com isto veio junto com uma grande mudança. Ainda jovem fui cursar Turismo e Hotelaria na Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI, onde fui lá morar para estudar na cidade de Balneário Camboriú, logo consegui emprego de recepcionista num hotel e comecei a ver o mundo com outros olhos, e ser olhado também. Os primeiros flertes direcionados a mim pareciam ironia, ainda soavam como repressão. Mas esta é outra história.

A escrita deste prefácio é fundamental para este trabalho de pesquisa, pois além de reforçar os porquês da dissertação e pesquisa, pode proporcionar a muitos jovens perceberem que ninguém esta sozinho, a leitura pode inspirar muitos corações a refletirem suas ações ou ainda descobrirem novos horizontes e possibilidades.

Encerro este prefácio com uma frase *de Jean Paul Sartre*, que me foi e é muito importante.

“Não importa o que fizeram de mim, o que importa é o que faço com o que fizeram de mim”.

² Personagem interpretado por Jorge Lafond por mais de 10 anos representando um gay que usava sapatos de salto alto, brinco gigantes e maquiagem feminina fazendo um estereótipo pejorativo e efeminado. FUXICO, o. In: (https://pt.wikipedia.org/wiki/Jorge_Lafond). Download em 13/04/2016.

INTRODUÇÃO

Esta dissertação tem como problema de pesquisa trazer reflexões sobre a homofobia que grassa na sociedade e nos espaços escolares, derivada de uma heteronormatividade³ que é tida como única forma de expressão afetiva e sexual. Isto acaba construindo estereótipos passíveis de retaliação aos indivíduos homossexuais, o que chamamos de homofobia⁴.

Em nome de uma sexualidade posta como normal, a homofobia é legitimada por processos históricos culturais que ao longo dos tempos vem reprovando as condutas que não são heteronormativas.

Investigar o problema da homofobia no espaço escolar é objeto de interesse desta dissertação, pois sociedade e escola não estão desconectadas, muito pelo contrário uma é extensão da outra. Vivemos numa região onde o patriarcado tem influência para que a heteronormatividade tenha visibilidade e força.

Muito se tem discutido, recentemente, acerca das conquistas em certas partes do planeta e do Brasil sobre os direitos assegurados aos homossexuais. Mas ao contrário do que muitos acreditam a homofobia no

³Termo que designa que a heterossexualidade é a única orientação sexual que deve existir. É um padrão social caracterizado pela família tradicional, dado por um homem, uma mulher e sua prole. (DICIONÁRIO INFORMAL. In:<http://www.dicionarioinformal.com.br/heteronormatividade/>) download 11/05/2016.

⁴Homofobia significa aversão irreprimível, repugnância, medo, ódio, preconceito que algumas pessoas, ou grupos nutrem contra os homossexuais, lésbicas, bissexuais e transexuais. JULIANA SPINELLI FERRARI. Brasil Escola. In:(<http://www.infoescola.com/psicologia/homofobia/>) download 01/04/2016.

se faz presente. Os casos com as ações discriminatórias e até violentas relacionadas ao ódio e intolerância à homofobia, também tem ganhado espaço na mídia. No mês de Maio de 2015, véspera do dia dos namorados, uma famosa empresa brasileira de perfumaria, criou um comercial inédito onde demonstrava diversas personagens se arrumando para sair de casa com um presente em mãos e ao chegarem aos seus destinos, a surpresa vem ao mostrar que dois dos casais eram constituídos por pessoas homossexuais, um casal masculino e outro feminino.

Várias reações se deram inclusive com muita força de retaliação por parte de grupos evangélicos pedindo a retirada do comercial do ar, incentivadas por um famoso deputado federal que afirma que a *“homossexualidade é comportamento, não condição, e passível de cura, ou laço”*⁵ e pediu a retirada da propaganda, pois segundo ele, afrontava a verdadeira família brasileira. Esta afirmação suscitou uma série de debates de todas as ordens em rodas de conversa e nas redes sociais, onde somente no canal de vídeos da internet *YouTube*, houve em dois dias de exibição mais de 500 mil comentários, sendo 391 mil pessoas a favor da continuidade do comercial e sua permanência no ar e 171 mil pessoas pedindo o cancelamento do comercial, dados estes apurados pelo próprio canal.

Este fato e outros dados nos confirmam que a presença sombria da homofobia se faz presente em todos os espaços da sociedade, respingando diretamente estes discursos e ideias dentro dos espaços

⁵(DIÁRIO CATARINENSE, 04/05/2015. Pág.23)

escolares, já que esta escola é parte da própria sociedade, é uma extensão dela.

Por mais conquistas e direitos básicos que a comunidade homossexual venha ganhando, por mais visibilidade que a mídia venha proporcionando a esta comunidade de forma até positiva, através de telenovelas, filmes, documentários, jornais escritos e falados, na contra mão temos também reações negativas e discriminatórias no dia a dia.

Durante a construção desta dissertação uma notícia ganhou repercussão nacional, segundo a qual uma mãe assassinou seu filho de 17 anos pelo fato de ele ser homossexual. Seu padrasto admitiu que escondeu o corpo numa mata e depois ateou fogo. Infelizmente fatos como este não são exceções, a homofobia é presente e algumas ONGs alertam para uma crescente situação em algumas cidades brasileiras, a exemplo da cidade de Uberlândia no estado de Minas Gerais, onde os fatos a seguir ocorreram segundo o site de notícias G1.

Os casos recentes de violência contra homossexuais têm assustado grupos e entidades representativas de lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros (LGBTs) em Uberlândia. Em 15 dias, três gays foram encontrados mortos, sendo dois deles com registros de desaparecimento dias antes dos corpos serem localizados. (ALEIXO, Caroline, 2016, G1.com).

Fatos como este nos fazem pensar como é de fundamental importância então abordar a homofobia e seus efeitos nos ambientes escolares, a fim de conscientizar os nossos estudantes e os professores sobre aspectos da diversidade e sexualidade humana e do respeito a estas.

Pois os homossexuais fazem parte da sociedade como cidadãos, participam do contexto geral da sociedade, mas ainda são observados com diferença e são recriminados por isso.

A dissertação contará com quatro capítulos que estão entrelaçados entre si, capítulos estes que foram dispostos de uma forma a introduzir temas que serão essenciais para fundamentar o momento da coleta de dados e análise dos mesmos quando apresentarmos a pesquisa que ocorreu num espaço escolar. Conforme Diez-Horn (2004, p. 20), a pesquisa quando concebida como compromisso social constitui um fenômeno político.

Michel Foucault trará contribuições com suas obras, citando mais especificamente, *História da Sexualidade 1 – A Vontade de Saber*, *Vigiar e Punir* e ainda *Microfísica do poder*. Estas obras não poderiam estar de fora, pois fundamentam temas que se encontram nestes escritos como: a sexualidade, as relações de poder, as instituições disciplinadoras, a fabricação de corpos, o dispositivo dos discursos, enfim, temáticas que embasam a dissertação e a pesquisa.

Nomearemos muitos dos tantos autores serão aqui trarão contribuições fundamentais para este trabalho investigativo. Serão eles: Diez-Horn (2004), Foucault (1983, 1997, 2010, 2015), Abramovay (2004), Araújo (1993), Borrillo (2010), Castells (1995, 1996, 1999), César (2004, 2009), Furlani (2008), Junqueira (20009, 2010), Louro (1997, 2004, 2010), Mott (1988, 1994, 1998, 2001), Oliveira (2001), Priore (2011), Sennett (2008), Reis (2004), Silva (1995, 1996, 2005), Vainfas (1986).

A genealogia como método interrogativo ampliará possibilidades de vermos além do óbvio, perceber os escondidos, o que passa despercebido de forma geral. Este método nos permite escrever uma história do presente de forma reflexiva, que é objetivo desta dissertação. A genealogia se preocupa também em compreender a continuidade das relações que envolvem poder e saber. Como sinaliza Diez-Horn (2004, p. 36), a genealogia não busca na profundidade, mas nos *bas-fonds*, para permitir que as visibilidades se projetem. Desse modo, a base metodológica investigativa será a genealogia que averigua as origens, aquilo que estabelece o todo e observa a constituição dos processos históricos do poder.

O primeiro capítulo desta dissertação tem como base principal o primeiro livro da História da Sexualidade – A Vontade de Saber, que trata da chamada hipótese repressiva, que a partir do século XVII começou a ser pregada, mantendo por séculos no mundo ocidental, uma ótica de repressão e silenciamento do sexo como forma de poder. Michel Foucault faz indagações do por que mantivemos esta ideia por tanto tempo nas sociedades modernas e quer compreender como nossas ideias sobre a hipótese repressiva em relação à sexualidade se perpetuam e se mantêm. O autor põe em xeque esta visão repressiva e nos apresenta que justamente ocorreu o contrário. O capítulo apresenta ainda as instituições disciplinares como fabricantes de corpos e condutas e trazer esta reflexão facilitará a compreensão das ações silenciadoras e repressivas da escola atual, que parece manter técnicas seculares para manutenção do poder. Este capítulo fundamenta o que foi observado na escola pesquisada e o que foi colhido na análise de dados, onde as relações de poder conferem ainda algum tipo de *status*, conchados na hipótese repressiva.

No segundo capítulo dando continuidade aos estudos da mesma obra anteriormente citada e ainda Vigiar e Punir e Microfísica do Poder, se propõe averiguar todo um sistema de técnicas e táticas em prol da confissão sobre o sexo, fortalecidas nos séculos XVIII e XIX, onde se criou uma série de procedimentos instigadores para que se falasse sobre sexo. Eram lugares autorizados onde um interlocutor escutava e avaliava o que ouvia e a partir daí julgava e interpretava os que consideravam certos e errados de cada um dos segredos revelados. A relevância deste segundo capítulo dentro da dissertação também remete a compreensão mais ampliada dos espaços escolares modernos, que foram e ainda são espaços autorizados de confissão, são diretores, orientadores, psicólogos e professores, que se põem na condição de escutar os alunos, avaliar o que escutam e julgar como boa ou má conduta, onde confissões sobre sexo que fugir da conduta heteronormativa são passíveis de tratamento diferenciado.

O terceiro capítulo abordará duas faces da mesma escola, a de uma instituição austera e normalizadora de condutas em benefício da heteronormatividade. Onde toda uma série de mecanismos é utilizada nas escolas para manter a vigilância e controle dos corpos, toda uma estrutura física é adaptada para funções normalizadoras e de austeridade. Sendo que os métodos usados são os mais diversos para que nada fuja aos olhos e controle do poder normalizador, poderes sutis por vezes já estão naturalizados nestas instituições. E que nas relações de poder se observa que o poder mesmo está em todas as partes, e aqueles que às vezes sofrem demonstram sua força com ações de resistência.

No mesmo capítulo propomos também um olhar para a escola como um espaço de oportunidades, como um lugar onde possibilidades que podem

ser construídas. A escola revisitada para o mundo moderno tem condições de rever suas práticas e refletir sobre as mesmas, favorecendo um ambiente que visse a transformação dos indivíduos lá inseridos em benefício do coletivo social. A escola moderna no Brasil vem passando nos últimos tempos por muitas mudanças e reestruturações, nem sempre desejadas por todos, mas considerando seu papel social e de poder transformador coube aqui neste capítulo esta reflexão, que versa diretamente com a pesquisa efetuada, e os dados futuramente apresentados confirmam isto.

O quarto e último capítulo é a pesquisa em si e tudo que envolveu a realização da mesma para melhor percepção de tudo. Dispomos o capítulo em uma série de partes: perfil da escola, o caminho percorrido, perfil de professores e estudantes, o instrumento da pesquisa, os relatos de professores e alunos, entre outros. Faremos uma análise dos discursos de professores e alunos sobre a homossexualidade e verificaremos se há presença da homofobia faz parte das rotinas desta escola. Os objetivos aqui são os de trazer à tona os discursos de professores e alunos de um terceiro ano do ensino médio de uma escola estadual, sobre a homofobia, que é fruto de uma sociedade heteronormativa. Um grupo heterogêneo de pesquisados foi pensado para que tivéssemos uma maior abertura de possibilidades em relação ao tema, pois os indivíduos e suas concepções pessoais serão essenciais para a compreensão das situações que envolvem a homofobia. As análises de dados nos mostraram o quão é relevante socialmente esta dissertação, para a reflexão da homofobia nos espaços escolares.

1 - A HISTÓRIA DA SEXUALIDADE SOB O PRISMA DA VONTADE DE SABER.

Para falar do tema sexualidade no contexto educacional faz-se necessário termos uma breve análise da obra História da Sexualidade, volume 1 intitulado a Vontade de Saber do filósofo Michel Foucault para que possamos iniciar compreensões que serão essenciais sobre sexualidade num contexto histórico não linear sobre como o poder e suas relações se desenvolveram e acabaram por criar artifícios sobre a história da sexualidade e do sexo. História esta que nos faz até hoje acreditar que a sexualidade foi e deve ser tema a ser tratado com precaução, reserva e tato. Muito foi dito sobre a história da sexualidade, ser permeada de repressões e restrições, onde as transgressões eram improváveis e sujeitas a sanções severas.

Com a ascensão da burguesia no século XVIII a sociedade ocidental vive desde então uma fase de repressão sexual. Onde o sexo se reduz a sua função reprodutora e o casal procriador passa a ser o modelo norteador. As outras manifestações sexuais se tornam anormais e que não é expulso terá que ser reduzido ao silêncio. Esta mesma sociedade burguesa faz algumas concessões, restringindo as sexualidades não legítimas lugares onde possam gerar lucros e aliviar tensões. Pois em uma época em que a força de trabalho é muito explorada, as energias não podem ser desperdiçadas com prazeres. Diz -se que no início do século XVII ainda vigorava uma certa franqueza. As práticas não procuravam o segredo; as palavras eram ditas sem reticência excessiva e, as coisas, sem demasiado disfarce; tinha se com o ilícito uma tolerante familiaridade. Eram frouxos os códigos da grosseria, da obscenidade, da decência, se comparados com os do século XIX. (FOUCAULT, 1999, p, 9).

Tratar a sexualidade num contexto histórico é normalmente fazer relações entre períodos históricos e julgar os mesmos. Quando nos remetemos aos gregos, por exemplo, e os comparamos com as sociedades burguesas dá-se a impressão de retrocesso e repressão. Ao pensar em proibições e privações, neste capítulo vamos acompanhar e refletir em cima dos estudos efetuados por Foucault a respeito da sexualidade e perceber que temos outras maneiras de compreender o que até então estava imposto como verdade final. Se o início do século XVII ficou afamado pela ascensão dos processos de repressão, este mesmo período, como será abordado, é o momento de uma multiplicação de discursos sobre o sexo.

As ideias sobre o sexo reprimido segundo Foucault não passa de uma suposição, os rigores que a sociedade burguesa buscou para manter o enunciado da opressão é discutido neste capítulo, pois as relações de poder e saber estão envolvidos nos conceitos da uma hipótese repressiva. Este discurso de repressão se perpetua, pois táticas são utilizadas para manutenção da sua dominação. Foucault questiona por que dizemos tanto que somos reprimidos? As sociedades modernas ocidentais se culpam por falar e desejar saber sobre o sexo, raízes que ainda estão presas à hipótese repressiva, mas segundo a lógica de Foucault surgem efeitos bem contrários ao pretendido, pois nunca se colocou tanta evidência no sexo em discurso como nos últimos séculos, houve uma incitação aos discursos.

Analisar como se constituíram e se consolidaram as relações de poder historicamente vinculadas a um eixo central de dominação também será peça fundamental para este capítulo. O que se chama de poder é algo muito mais complexo e imbricado de relações do que se supõe. Pois as

intencionalidades do poder é também produzir saber, e o saber produz poder, esta afirmação vem trazer a tona o quão às relações de poder estão presentes em nossos cotidianos e ações mais simples do dia a dia e como este poder é colocado em xeque por resistências e lutas.

Neste capítulo teremos dois segmentos onde abordaremos em primeiro as questões do que Foucault nos pontua como hipótese repressiva. A hipótese repressiva esta ligada as ideias de repressão e silenciamento do sexo pelas sociedades burguesas a partir do século XVII, e que ao longo dos tempos vem sendo sustentada na história da sexualidade no mundo ocidental bem como nas sociedades ocidentais modernas como sendo algo que sofreu uma forte repressão e foi mantida em silêncio, não oportunizando liberdade de manifestações, sejam nas práticas ou discursos. Nesta concepção o sexo foi privado ao quarto do casal heterossexual, e outras expressões sexuais banidas e silenciadas.

Michel Foucault busca compreender as motivações que levaram a esta crença sobre esta hipótese repressiva, por que gostamos tanto em dizer que fomos coibidos e impedidos de falar e desenvolver nossos prazeres sexuais. Apresenta um exercício totalmente contrário às estas crenças seculares e para tal estudo histórico Foucault utiliza de um método de estudos que procura desvendar os mais sutis detalhes daquilo que anteriormente não foi visto, não foi estudado ou dado relevância. Este método foi chamado de genealogia, método concebido por Nietzsche onde os caminhos deste estudo permitem a meticulosidade dos saberes. Não aceita verdades prontas, busca nas origens e as questiona, avalia.

O método da genealogia também foi utilizado para o estudo da suposta hipótese repressivo, avaliando como se levou os modos que foram

produzidos, os mecanismos e técnicas para manter o poder e a regulação nas ações que influenciaram as ideias que até hoje, e sustentam que nossa sexualidade foi reprimida e silenciada. Genealogia é:

(...), genealogia o acoplamento do conhecimento com as memórias locais, que permite a constituição de um saber histórico das lutas e a utilização desse saber nas táticas atuais. Nessa atividade, que se pode chamar genealógica, não se trata, de modo algum, de opor a unidade abstrata da teoria à multiplicidade concreta dos fatos e de desclassificar o especulativo para lhe opor, em forma de cientificismo, o rigor de um conhecimento sistemático. (FOUCAULT, 2015, p, 267-268).

Genealogia está vinculada ao poder, e consiste como mostrar as verdades que foram construídas historicamente e que, portanto, são frutos de relações de poder e de interesses de determinados grupos em determinados momentos. A verdade é compreendida por Foucault como “o escudo alegórico do comodismo metafísico e precisa ser desmistificada”, pois ela nasce pela imposição de relações de poder e de interesses específicos, em pontos também específicos, tendo cada sociedade, cada tempo históricos um regime de verdade que resguarda como verdadeiro e perpetua por sucessivas gerações.

Em outro momento ainda tendo como fio condutor a hipótese repressiva, será analisado o papel da confissão, da confissão sobre o sexo que mantém a ideia da hipótese repressiva presente em instituições modernas. Foucault faz uma análise onde aponta que o movimento da Contra Reforma fortaleceu o uso da confissão a tudo que pertencesse à sexualidade, pois tudo deveria ser tido. O uso da confissão era utilizado dentro da igreja católica como penitência, e vai sendo acolhido por

diversas instituições e instâncias de poder como tática de se descobrir as verdades sobre o sexo, os mais escondidos desejos. Lá no século XVI a pastoral cristã tinha acelerado a questão das confissões por questões morais da época, e no século XVIII as razões ganham um cunho político e econômico e agora se confessar não é somente propriedade da igreja, mas de muitos espaços que autorizados para tal função, produzem verdades, julgam e se necessário buscam formas normalizadoras de mudar condutas. Acentuando-se com mais ênfase no século XIX, a ciência tomou a sexualidade para si e se elaborou uma ciência do sexo, *scientia sexualis*, onde a confissão que está ligada ao poder que ganha novas instâncias e estratégias de se conseguir o desejado.

1.1 – POR QUE ACREDITAMOS NA HIPÓTESE REPRESSIVA?

Foucault (1999) diz que é habitual o entendimento de que com a ascensão da burguesia no século XVIII a sociedade ocidental passou a viver a fase de repressão sexual – relegando ao sexo a sua função reprodutora e o casal procriador passou a ser modelo norteador. As outras manifestações sexuais se tornaram anormais e o que não era expulso teria que ser reduzido ao silêncio. Esta mesma sociedade burguesa faz algumas concessões, restringindo as sexualidades não legítimas a lugares onde possam dar lucro e aliviar tensões. Pois em uma época em que a força de trabalho é muito explorada, as energias não podem ser desperdiçadas com prazeres.

Nas primeiras páginas da obra *A Vontade de Saber* Foucault inicia questionando se a história da sexualidade foi realmente desde o século XVII construída sobre a égide da repressão, silenciamento e objeções. Este questionar não significa tal repressão, mas quer desnudar as razões históricas que mantiveram estas noções, como relatado aqui.

A questão que gostaria de colocar não é por que somos reprimidos, mas, por que dizemos, com tanta paixão, tanto rancor contra nosso passado mais próximo, contra nosso presente e contra nós mesmos, que somos reprimidos? Através de que hipótese conseguimos chegar a afirmar que o sexo é negado, a mostrar ostensivamente que o escondemos, a dizer que o calamos – e isso formulando-o através de palavras explícitas, procurando mostrá-lo em sua realidade mais crua, afirmando-o na positividade de seu poder e de seus efeitos? (FOUCAULT, 1999, p, 14).

Dentro das concepções da hipótese repressiva o momento conhecido como era vitoriana “A sexualidade é, então cuidadosamente encerrada” (Foucault, 1999, p, 09).

Partindo da noção da hipótese repressiva o sexo foi colocado dentro do quarto do casal e encoberto pelo silêncio da moral imposta, fazendo sumir as liberdades de expressão envoltas na sexualidade até o século XVI, onde os discursos e práticas sexuais não tinham pudor, onde a discrição não era habitual. Foucault encontra razões histórico-econômicas e políticas que asseguram a manutenção dos discursos que fomentam na sociedade moderna a visão repressiva.

Tendo como base a visão histórico-econômica, a idade da repressão irá coincidir com o momento que o capitalismo ganha força e se amplia. Parecendo plausível pensar que exatamente numa época em que

mão de obra era cada vez mais necessária e explorada não seria prudente desviar esta energia e força de trabalho para outros fins que não fosse à produção e rendimento. Já do ponto de vista político toda e qualquer situação que não seguisse as regras impostas e colocadas seria entendido como uma transgressão ou desafio sobre os poderes previamente estabelecidos. Nos dois pontos, ou seja, o fator histórico-econômico e o político estão ligados numa relação que envolve poder, saber e sexualidade.

Explicam-nos que, se a repressão foi, desde a época clássica, o modo fundamental de ligação entre poder, saber e sexualidade, só se pode liberar a um preço considerável: seria necessário nada menos que uma transgressão das leis, uma suspensão das interdições, uma irrupção da palavra, uma restituição do prazer ao real, e toda uma nova economia dos mecanismos de poder; pois a menor eclosão de verdade é condicionada politicamente. (FOUCAULT, 1999, p, 11).

Outra razão que favoreceu as vinculações das relações de poder, saber e sexualidade em volta do olhar repressivo na sociedade moderna, pois em torno da suposta repressão está a questão da dominação, que exige uma lei e impõe a submissão. Esta noção do poder que faz parte do discurso do sexo na modernidade é perpetuada em função também de um benefício relacionado aos locutores dos discursos, chamado por Foucault de benefício do locutor.

Falar contra os poderes, dizer a verdade e prometer o gozo; vincular a iluminação, a libertação e a

multiplicação de volúpias; empregar um discurso onde confluem o ardor do saber, a vontade de mudar a lei e o esperado jardim das delícias – eis o que, sem dúvida, sustenta em nós a obstinação em falar do sexo em termos de repressão; eis também, o que explica, talvez, o valor mercantil que se atribui não somente a tudo o que dela se diz como, também, ao simples fato de dar atenção àqueles que querem suprimir seus efeitos. (Foucault 1999, p, 12-13).

No contexto da hipótese repressiva é importante expor que Foucault não nega a existência de proibições e de interdições em torno do sexo, o que ele não concorda é que nossas noções sobre a história do sexo tenha se reduzido na modernidade apenas a repressão e interdição.

É necessário deixar bem claro: que não pretendo afirmar que o sexo não tenha sido proibido, bloqueado, mascarado ou desconhecido desde a época clássica; nem mesmo afirmo que a partir daí ele o tenha sido menos do que antes. Não digo que a interdição do sexo é uma ilusão; e sim que a ilusão está em fazer dessa interdição o elemento fundamental e constituinte a partir do qual se poderia escrever a história do que foi dito do sexo a partir da Idade Moderna. (FOUCAULT, 1999, p, 17).

Na concepção da hipótese repressiva, o poder estaria vinculado a pontos negativos – interdição, silêncio, proibição, censura, repressão – onde o não, as manifestações e liberdades estariam coibindo a formação de saber. Foucault sinaliza a contramão de todos os elementos de dentro desta hipótese repressiva criam uma vontade de saber relacionada à sexualidade e ao sexo, o poder nesta hipótese repressiva não é apenas uma

força repressiva e sim uma força instigadora. Surgem aí noções que ao invés do sexo ter sido silenciado foi na verdade colocado em discurso, derrubando a hipótese repressiva e dando espaço a vontade de saber.

Ora, uma primeira abordagem feita desde o ponto de vista parece indicar que, a partir do fim do século XVI, a “colocação do sexo em discurso”, em vez de sofrer um processo de restrição, foi ao contrário, submetida a um mecanismo de crescente incitação; que as técnicas de poder exercidas sobre o sexo não obedeceram a um princípio de seleção rigorosa, mas, ao contrário, de disseminação e implantação das sexualidades polimorfos e que a vontade de saber não se detém diante de um tabu irrevogável, mas se obstinou – sem dúvida através de muitos erros – em constituir uma ciência da sexualidade. (FOUCAULT, 1999, p, 17-18)

Foucault com detalhes coloca as variantes que existem entre o discurso e o poder vinculados às questões da sexualidade, onde demonstra como estes discursos sobre o sexo serão utilizados como táticas de poder. Em dois segmentos separadamente abordaremos em primeiro as questões de poder e em seguida o que concerne ao discurso para embasar esta análise.

1.2 – EXERCÍCIOS DE PODER NA FABRICAÇÃO DE CORPOS

As justificativas históricas apontadas por Foucault que permitem colocar em xeque as indicações de uma hipótese repressiva têm em seu bojo questões relacionadas ao poder que seria aquilo que

ditam as leis inclusive sobre a sexualidade. Leis, estas, proibitivas que interditando o sexo se terá indivíduos obedecendo, ou seja, novamente a hipótese repressiva focaliza uma perspectiva de poder vertical descendente vem sendo cristalizada na visão da sociedade ocidental na modernidade.

Nas relações de poder, a sexualidade não é o elemento mais rígido, mas um dos dotados da maior instrumentalização: utilizável no maior número de manobras, e podendo servir de ponto de apoio, de articulação às mais variadas estratégias. (FOUCAULT, 1999, p, 98).

A partir do desenvolvimento das monarquias na Idade Média a representação de poder foi marcado por este sistema de governo ligado ao mesmo como exercício de soberania para limitar as liberdades, onde o poder era exercido sobre forma de direito. Na ótica deste modelo Foucault chama de jurídico discursivo, pois o poder seria aquilo que dita às leis. Nos seus escritos Foucault propõe uma liberação desta imagem jurídica e apenas negativado do poder, pontuando e fazendo perceber que a sexualidade e o sexo nas sociedades modernas não teriam sido regidos apenas pelo poder soberano, mas sim pelos mecanismos singulares e positivos que não apenas de coibição, restrição, silêncio e proibição. Mas como de oportunidade de expressão e até de transgressão.

Os discursos, como os silêncios, nem são submetidos de uma vez por todas ao poder, nem opostos a ele. É preciso admitir um jogo complexo e instável em que o discurso pode ser ao mesmo tempo, instrumento e efeito de poder, e também obstáculo, escora, ponto de resistência e ponto de partida de uma estratégia oposta. O discurso veicula

e produz poder; reforço-o, mas também o mina, expõe, debilita e permite barrá-lo. (FOUCAULT, 1999, p. 96).

A questão temática do poder é encontrada em muitos estudos de Foucault que nos indica observar o poder não como vertical, de cima para baixo ou unilateral, mas sim como que partindo de vários pontos. Foucault (2015, p 23), pontua ao mesmo tempo em que se exerce poder, se produz saber, pois quando se pensa em poder vem à ideia de quem o detém, o exerce de forma a dominar grupos ou indivíduos e possui o saber, impondo uma verdade sobre os outros, normalmente os conceitos leigos de poder estão ligados à política ou Estado. Foucault rompe com esta abordagem e coloca que o poder não pode ser localizado num único espaço, instituição ou no Estado. O poder está em todas as relações da sociedade, não está alojada num determinado espaço ou ainda num determinado tipo de relação, o poder emana no diverso das relações humanas, estando em todas as instâncias, inclusive nas pertinentes ao sexo e à sexualidade.

Se até então as concepções relacionadas ao poder estavam representada por um sistema jurídico-discursivo, fundamentadas em leis e imposições, Foucault então aponta uma nova maneira das analisar o poder na qual a interdição será trocada por táticas e estratégias, onde as estratégias são usadas através de táticas e as são formuladas por estratégias que as fazem ter efeito e funcionalidade. Ou seja, tanto táticas quanto estratégias são componentes das relações de poder e seus funcionamentos.

O poder está em toda parte; não porque englobe tudo e sim porque provém de todos os lugares. E “o” poder, no quem tem de permanente, de repetitivo, de inerte, de auto reproduzidor, é apenas efeito de conjunto, esboçado a partir de todas essas mobilidades, encadeamento que se apoia em cada uma delas e, em troca, procura fixa-las. (FOUCAULT, 1999, p, 89).

As relações de poder não serão formuladas por forças desiguais e móveis, elas terão um papel produtor, sendo geradas e atuantes pelas estratégias e táticas já que as relações de poder provém de todos os lados e de todas as maneiras, pois nada está isento de poder, inclusive as próprias lutas e resistências contra os exercícios de poder que se encontram justamente onde há poder. Nos estudos de Foucault a despeito do poder encontraremos o que é pontuado como jogos de poder, onde se explica que pelas lutas, oposições e resistências que podem inverter e transformar as relações de poder.

Esses pontos de resistência estão presentes em toda rede de poder. Portanto, não existe, com respeito ao poder, um lugar de grande Recusa – alma da revolta, foco de todas as rebeliões, lei pura do revolucionário. Mas sim resistências, no plural, que são casos únicos: possíveis, necessárias, improváveis, espontâneas, selvagens, solidárias, planejadas, arrastadas, violentas, irreconciliáveis, prontas ao compromisso, interessadas ou fadadas ao sacrifício; por definição não podem existir a não ser no campo estratégico das relações de poder. (FOUCAULT, 1999, p, 91).

Não existe um exterior único nas relações de poder, pois como já sinalizamos nada e ninguém está imune ao poder, pois as próprias

resistências e lutas que embatem onde por determinado tempo se manifesta o poder, só podem exercer suas resistências onde há poder. Este poder refletido nas relações sociais concebe que há então redes de poderes que se manifestam ora aqui, ora ali, e que algo podem sofrer inversões nas suas dinâmicas a qualquer momento e em todos os campos. Pois o poder não é um objeto, uma força que apenas alguns a possuem, nos fazendo perceber que o poder não é alguma coisa obtida, comprada ou pegada por direito. As múltiplas relações de forças que envolvem o poder estão envolvidas em táticas e estratégias diversas que estão inseridas em todas as camadas da sociedade, na vida diária de qualquer indivíduo. Esta dinâmica pontuada como microfísica do poder se estabelece com micro poderes que perpassam e estão presentes em todas as dinâmicas e relações de uma sociedade.

O interessante da análise é justamente sugerir que os poderes não estão localizados em nenhum ponto específico da estrutura social. Funcionam como uma rede de dispositivos ou mecanismos a que nada ou ninguém escapa, a que não existe exterior possível. Daí a importante e polêmica ideia de que o poder não é algo que se detém como uma coisa, como uma propriedade, que se possui ou não. Não existe lado os que detêm o poder e de outros aqueles que se encontram alijados dele. Rigorosamente falando, o poder não existe; existem práticas ou relações de poder. (FOUCAULT, 2015, p, 17).

Judith Revel sinaliza, em relação às questões de poder, duas locomoções efetuadas por Foucault em sua obra *Conceitos Essenciais* nos aponta a seguinte reflexão: o poder deve ser tratado como relações de forças, como modos ações em cima de outras ações, seria cabível que o

estudo da genealogia do poder estaria associado também a uma história das subjetividades, pois segundo Revel a aparição do poder esta imbricada com o ato que o envolve em um indivíduo ou grupo de indivíduos que como vimos podem criar mecanismos de resistência e reverter os mesmos atos.

(...) suas análises efetuam dois deslocamentos notáveis: se é verdade que não há poder que não seja exercido por uns sobre os outros – “os uns” e “os outros” não estando nunca fixados num papel, mas sucessiva, e até simultaneamente, inseridos em cada um dos polos da relação -, então uma genealogia do poder é indissociável de uma história da subjetividade; se o poder não existe senão o ato, então é a questão do “como” que ele retorna para analisar suas modalidades de exercício, isto é, tanto à emergência história de seus modos de aplicação quanto aos instrumentos que se dá os campos onde ele intervém, a rede que ele desenha e os efeitos que ele aplica numa época dada. (REVEL, 2002, p. 67).

É importante reforçar que se encontra uma implicação recíproca entre poder e saber onde se analisa o caráter produtivo das relações de poder localizados em todos os patamares e instâncias da sociedade.

Seria talvez preciso também renunciar a toda uma tradição que deixa imaginar que só pode haver saber onde as relações de poder estão suspensas e que o saber só pode desenvolver-se fora de suas injunções, suas exigências e seus interesses. Seria talvez preciso renunciar ao poder é uma das condições para que se possa se tornar sábio. Temos antes que admitir o poder produz saber (e não simplesmente favorecendo-o porquê serve ou aplicando-o porquê é útil); que poder e saber estão

diretamente implicados; que não há relação de poder sem constituição correlata de um campo de saber, nem saber que não suponha e não constitua ao mesmo tempo relações de poder. (FOUCAULT, 1997, p. 31).

Com este aporte, nossas visões sobre o que envolve as relações de poder e no caso aqui da sexualidade ganham uma nova redefinição histórica que é proposta por Foucault que trás outra concepção de poder surge, o que Foucault intitulou de bio-poder, que seria, a grosso modo, o poder sobre a vida, sobre o biológico e as políticas que envolvem a sexualidade, bem como o poder da morte, ou seja, uma estatização da vida. Quando o poder monárquico soberano entra em declínio na idade contemporânea ou época moderna, se instala outras maneiras do exercício do poder, em *Vigiar e Punir* obra de 1975, Foucault que junto ao aparecimento e fortalecimento do capitalismo desenvolveram-se nas sociedades do mundo ocidental, técnicas para controlar e vigiar as condutas e comportamentos da sociedade. Mesmo que as técnicas de vigilância e controle punissem e proibissem os que não se encaixavam nas posturas prescritas e tidas como ideais, o objetivo maior era o exercício sobre os corpos dos indivíduos para usá-los com mais eficácia na produção e necessidades impostas pelo novo modelo econômico e social. O corpo humano agora com rigoroso controle é preparado para ser útil e dócil, sendo o ideal dócil politicamente e útil economicamente.

Objetivo ao mesmo tempo econômico e político: aumento do efeito de trabalho, isto é, tornar os homens força de trabalho dando-lhes uma utilidade econômica máxima; diminuição da sua capacidade de revolta, de resistência, de luta, de insurreição

contra as ordens do poder, neutralização dos efeitos de contra poder, isto é, tornar os homens dóceis politicamente. Portanto, aumentar a utilidade econômica e diminuir os inconvenientes, os perigos políticos; aumentar a força econômica e diminuir a força política. (FOUCAULT, 2015, p, 20).

Foucault chama este, entre outros mecanismos, de controle por técnicas disciplinares que sempre são muito cuidadosas e sutis, as vezes quase passam despercebidas, pois os que estão inseridos em algum contexto vão naturalizando as técnicas disciplinares e as repassando como verdadeiras e essenciais ao bom funcionamento da sociedade como um todo. Surge juntamente todo um aparato de instituições para o adestramento do corpo, dos costumes, das posturas e atitudes que agora serão vistas como certas ou erradas, como boas ou más, estas técnicas de controle ou técnicas disciplinares visam também à individualização pelas ciências do homem. Pode-se pontuar que todo o aparato e instituições a serviço do poder soberano foi necessário devido a um momento de intenso crescimento demográfico e as necessidades cada vez maiores de mão de obra para o sustendo da sociedade burguesa capitalista. Cada detalhe dos indivíduos deverá ser reconhecido tanto no âmbito pessoal quanto coletivo, ou das massas. Pois a compreensão do corpo humano como máquina utilitária é preponderante para o bom funcionamento de todo o sistema imposto. Ao contrário do poder soberano da Idade Média onde o rei decidia sobre a vida e morte principalmente, de seus súditos, pois ele é detentor do poder da vida, ocorre na passagem para modernidade uma mudança de visão, pois todo corpo é necessário como força de produção para o aumento dos recursos econômicos. O controle é centrado na vida toda de cada indivíduo, cada detalhe, suas condutas e

posturas serão analisadas, vigiadas, controladas e se necessário às punições e privações aconteceram, e sua morte outrora motivo de direito do soberano agora é o único momento privado que talvez tenham os indivíduos.

Com a passagem de um mundo para o outro, a morte era a substituição de uma soberania terrestre por uma outra, singularmente mais poderosa; o fausto que a acompanhava era da ordem cerimonial político. Agora é sobre a vida e ao longo de todo seu desenrolar que o poder estabelece pontos de fixação; a morte é o limite, o momento que lhe escapa; ela se torna o ponto mais secreto da existência, o mais privado. (FOUCAULT, 1999, p, 130).

Dessa forma é a vida e o corpo que se tornam objetos das relações de poder, em primeiro pelas técnicas disciplinares e logo em seguida por técnicas de regulamentação. As técnicas de regulação irão intervir no corpo, mas não no corpo enquanto máquina a ser utilizada, mas no corpo como objeto de processos biológicos a ser investigados e regulados, sua reprodução, natalidade, mortalidade, longevidade, habitação, alimentação, enfim tudo o que se refere a um indivíduo. Pois se faz necessário regular e controlar as populações e seus hábitos, para que jamais coloque em risco a sociedade capitalista, com estes novos mecanismos de controle e regulação pode-se garantir uma melhor administração da força de trabalho.

A morte era para o poder soberano na Idade Média seu grande trunfo de controle das vidas, pois as execuções eram orquestradas para

que um maior número de pessoas possíveis a acompanhassem, praças e espaços públicos eram usados para reforçar o poder real, impondo assim o medo e perpetuando seu poder.

Na modernidade esta modalidade de exercício de poder será substituída pelo controle da vida, das ações cotidianas, dos hábitos, tudo o que os indivíduos fazem é de interesse para a manutenção do poder. As tecnologias das disciplinas do corpo e as tecnologias de regulação da vida se desenvolveram separadamente, mas se articulam de um para o outro.

As disciplinas do corpo e as regulações da população constituem dois polos em torno dos quais se desenvolveu a organização do poder sobre a vida. A instalação-durante a época clássica, desta grande tecnologia de duas faces – anatômica e biológica individualizante e especificamente, voltada para os desempenhos do corpo e encarando os processos da vida – caracteriza um poder cuja função mais elevada já não é mais matar, mas investir sobre a vida, de cima a baixo. (FOUCAULT, 1999, p, 131).

Pode-se entender que a tecnologia disciplinar do corpo e a tecnologia regulamentadora da vida seriam distantes ou divergentes entre si, porém apesar de seus objetivos serem diferenciados e de terem se desenvolvido de maneira separada, estes dois mecanismos fazem parte das exigências e para o sucesso da organização do poder na sociedade burguesa capitalista e sociedade moderna. Pois se aplicam tanto ao corpo disciplinar quanto ao controle da população onde normas são impostas a todos.

A sociedade da norma fixa os indivíduos a aparelhos, fixa-os profundamente ao aparelho

produtivo, por exemplo, não só por um poder econômico, mas por micropoderes que penetram seu corpo, seu tempo, toda sua existência. O capitalismo forjou toda uma série de técnicas de poder para ligar o indivíduo ao trabalho, para torna-lo força realmente produtiva. É esse tipo de poder que demanda toda uma série de saberes acerca do indivíduo e produz como objeto de saber. (ARAÚJO, 2008, p, 121).

As técnicas da norma disciplinar vêm do resultado de medidas bastante específicas, onde se classifica, ordena, verifica cada indivíduo aos quais as normas se aplicam, que através destas surgem os controles que irão sugerir um modelo a ser seguido, como consequência surge à separação entre normal e anormal, e cabem então procedimentos aos anormais de normação, ou normalização. Nada mais seria que ajustar os não normais a um ideal proposto e até digamos imposto. Cabe lembrar que norma é vinculada a uma determinada comunidade, população e bem como a um período ou momento histórico.

Em certo sentido, o poder de regulamentação obriga à homogeneidade; mas individualiza, permitindo medir os desvios, determinar os níveis, fixar as especialidades e tornar úteis as diferenças, ajustando-as umas as outras. Compreende-se que o poder da norma funcione facilmente dentro de um sistema de igualdade formal, pois dentro de uma homogeneidade, que é regra, ele introduz, como um imperativo útil e resultado de uma medida, toda a gradação das diferenças individuais. (FOUCAULT, 1997, p, 181).

O poder regula dita a norma, deseja normalizar indivíduos, cada espaço social cada núcleo social tem suas normas próprias, o certo ou

errado, o bom ou mau, não são os mesmos em todos os lugares, ou em todas as sociedades. Portanto cada instituição e sociedade criam suas normativas conforme convém uma melhor regulação com as realidades com aquelas especificações próprias, os usos do poder não serão os mesmos em todos os lugares, e assim as resistências criaram táticas específicas no contra poder.

Neste primeiro capítulo considerando o que foi pontuado até então, uma ideia preliminar do pensamento de Michel Foucault a respeito da sexualidade, das técnicas usadas para manutenção do poder sobre o sexo. Durante muito tempo manteve-se as noções que o mundo ocidental estava reprimido e silenciado as sexualidades, e Foucault ao contrário nos mostra como todo este investimento repressor acabou por produzir uma vontade de saber sobre o sexo. Foucault se torna o pioneiro em sair do discurso de uma sexualidade reprimida e busca nas suas investigações compreender os porquês da manutenção destas verdades construídas historicamente, que envolvem poder e saber. O alvo da crítica de Foucault é exatamente desvendar como se deu esta construção histórica e porque a mesma continua fazendo parte das sociedades modernas ocidentais.

Foucault se afasta das ideias da hipótese repressiva na qual a sexualidade foi colocada como represada e silenciada e propõe uma acentuada multiplicação dos discursos sobre o sexo, onde na verdade os discursos são estimulados dentro de várias instituições e até nas relações sociais, todos querem ouvir sobre sexo, querem saber.

2- CONFISSÕES DA CARNE

No item anterior percebemos que Foucault não é conivente com as ideias sobre a hipótese repressiva, pois nas suas pesquisas ao invés de encontrar uma história restritiva e silenciosa sobre o sexo e a sexualidade se deparou com uma história instigadora, e parte desta instigação se deve aos discursos sobre a sexualidade e sexo, que a partir do século XVIII recebeu um fomento, e não o suposto silenciamento.

Abordamos a partir de agora especificamente as noções de discurso sobre o sexo presentes na obra *A vontade de saber*, temos de explorar anteriores estudos efetuados por Foucault que analisam o discurso que faz suas análises históricas não linear e descontinuada. Para alguns historiadores a descontinuidade deveria ser banida dando lugar para uma leitura histórica contínua dos eventos, onde muitos viam a descontinuidade como um, porém, Foucault compreende como uma prática de análise. Fazendo da descontinuidade um elemento positivo nos seus estudos, pois requer rupturas com uma história linear e uma história de continuidades.

É preciso pôr em questão, novamente, essas sínteses acabadas, esses agrupamentos que, na maioria das vezes, são aceitos antes de qualquer exame, esses laços cuja validade é reconhecida desde o início; é preciso desalojar essas formas e essas forças obscuras pelas quais se tem o hábito de interligar os discursos dos homens; é preciso expulsá-las da sombra onde reinam. (FOUCAULT, 2000, p, 24).

Para Foucault o discurso emerge de uma série de acontecimentos, por isto ele fala em acontecimentos discursivos, que penetram no contexto histórico e nas vidas, seus estudos trazem as importâncias de compreendermos as dimensões que os discursos influenciam e acompanham gerações no decorrer dos tempos no que pertence a sexualidade. A sociedade moderna é bastante apegada nos acontecimentos discursivos.

Os discursos podem servir de controle e regulação das ações dos indivíduos, pois a manutenção dos discursos é a própria manutenção do poder, os que o detém estão inseridos em determinados contextos e patamares nas relações de poder.

Certos sujeitos são controlados em sociedades de discurso, que têm como função produzir e conservar discursos. Nessas sociedades, as palavras fazem-se escutar de acordo com os critérios daqueles que exercem o poder, e eles o exercem enquanto são regidos por regras que governam estas sociedades. Aqui a exclusão é de ordem secreta. Um grupo reduzido de sujeitos mantém discursos e determina quem poderá partilha-los e até onde, ao mesmo tempo em que se beneficiam propalando um discurso público do qual somente uns poucos sabem suas regras, seus recursos, seus segredos. (DÍAZ, 2012, p, 90).

O discurso não é somente os ditos, mas também os não ditos, que reforçam os limites e espaços na sociedade a qual cada indivíduo pertence.

Dentro das ideias da hipótese repressiva sexualidade foi desde o século XVII reprimida e silenciada pela sociedade burguesa, sendo que dentro desta hipótese a partir de dali falar sobre o sexo seria mais trabalhoso. Segundo esta teoria um bom discurso desejável aos dominantes seria aquele que não afere o poder, aquele que não movimenta resistências, é aquele que reafirma a boa condução da ordem para o sexo e sexualidade. Segundo a hipótese repressiva controlar o que era dito sobre a sexualidade era dominar as condutas da sexualidade, regras de decência serviram para purificar as palavras, policiar os enunciados, redefinir o vocabulário através de toda uma economia em favor desta ordem. As relações entre pais e filhos, entre alunos e educadores, padrões serviços é restringida e modificada. Herança esta que nos remonta a ações ainda muito encontradas nas sociedades ocidentais modernas.

Denominar o sexo seria, a partir desse momento, mais difícil e custoso. Como se, para dominá-lo no plano real, tivesse sido necessário, primeiro, reduzi-lo ao nível da linguagem, controlar sua livre circulação no discurso, bani-lo das coisas ditas e extinguir as palavras que o tornam presente de maneira demasiado sensível. Dir-se-ia mesmo que essas interdições temiam chama-lo pelo nome. (FOUCAULT, 1999, p, 21).

É provável que acontecesse toda uma economia da restrição, quando determinados discursos e palavras são proferidas e percebidas como perigosas, surge todo um sistema de instituições que entra no jogo para recusar, excluir, bloquear o que não se julga conveniente.

Os discursos sobre a sexualidade e sobre o sexo sofreram uma significativa acentuação pelas necessidades políticas e econômicas através das instituições pedagógicas, da medicina, e da justiça penal, onde foi

necessário criar táticas e estratégias discursivas para regular e acompanhar o que era permitido e o que proibido.

Através da economia política da população formase toda uma teia de observações sobre o sexo. Surge a análise das condutas sexuais, de suas determinações e efeitos, nos limites entre o biológico e o econômico. Aparecem também as campanhas sistemáticas que, à margem dos meios tradicionais – exortações morais e religiosas, medicas fiscais – tentam fazer do comportamento sexual dos casais uma conduta econômica e política deliberada. (...). Entre o Estado e o indivíduo o sexo tornou-se objeto de disputa, e disputa pública; toda uma teia de discursos, de saberes, de análise e de injuções o investiu. (FOUCAULT, 1999, p. 29).

Uma ampliação dos discursos ocorre através de diversas instituições que são autorizadas a ouvir e a falar sobre o sexo, por meio de uma série de códigos vão se criando sistemas do que poderá e será autorizado em relação ao sexo, e assim em oposição acaba por acontecer um outro efeito que é a vontade de saber que se expande. As iminências de poder fomentam e incentivam a falar sobre o sexo com pormenorese detalhes completos. Uma intensificação discursiva acontece no interior de três códigos autorizados para se falar e para escutar cada intimo detalhe das posturas e condutas sexuais: são eles o direito canônico, a pastoral cristã, e a lei civil. Através destes foi então efetuado todo um sistema como normalizar as posturas e condutas, mostrando o que era permitido ou proibido. Todas as condutas relacionadas a sexualidade teriam de estar envolta ao matrimônio heterossexual. As confissões voltadas às condutas

do sexo ganham força e servem como procedimentos de vigilância, controle e vedação quando necessário.

Mas, pode-se muito bem policiar a língua, a extensão da confissão e da confissão da carne não para de crescer. Pois a Contra reforma se dedica, em todos os países católicos, a acelerar ritmo da confissão anual. Porque tenta impor regras meticulosas de exames de si mesmo. Mas, sobretudo, porque atribui cada vez mais importância, na penitência – em detrimento, talvez, de alguns outros pecados – a todas as insinuações da carne: pensamentos, desejos, imaginações voluptuosas, deleites, movimentos simultâneos da alma e do corpo, tudo isso deve entrar, agora, e em detalhe, no jogo da confissão e da direção espiritual. O sexo, segundo a nova pastoral, não deve mais ser mencionado sem prudência; mas seus aspectos, suas correlações, seus efeitos devem ser seguidos até as mais finas ramificações: uma sombra de devaneio, uma imagem expulsa com demasiada lentidão, uma cumplicidade mal afastada entre a mecânica do corpo e a complacência do espírito deve ser dito. (FOUCAULT, 1999, p, 23).

A citação nos aponta o tema da quão sexualidade e o sexo se tornam importantes aos poderes que criam e reformulam mecanismos para acompanharem as condutas sexuais das populações, talvez nenhuma outra sociedade se preocupasse tanto com os discursos que envolvem o sexo, pois instigou a falar dele em várias instancias e nos mais sombrios dos detalhes da palavra.

Cabe a nós pensar se os chamados códigos autorizados a falar sobre o sexo realmente atingiram as populações de forma generalizada ou se fixaram mais fortemente em determinadas camadas daquela sociedade?

Este projeto de uma “colocação do sexo em discurso” formara-se há muito tempo, numa tradição ascética e monástica. O século XVIII fez dele uma regra para todos. Dir-se-á que, de fato, só poderia se aplicar a uma elite mínima; a massa dos fieis que só frequentavam a confissão raras vezes no ano escapava a prescrições tão complexas. Sem dúvida, o importante é que esta obrigação era fixada, pelo menos como ponto ideal para todo bom cristão. (FOUCAULT, 1999, p, 25).

A confissão serve como instrumento de retirada das verdades individuais, e que no seu nascer tinha vínculos apenas no campo religioso visando a regulação e controle, as sociedades ocidentais se confessam desde muito tempo, onde a máxima é encontrada no Concílio de Latrão de 1215 que regulamentou os atos confessionais e de penitência.

Na confissão o sujeito acaba que por reconhecer a si próprio, e nesta lógica faz a indução da regulação, da revisão de atitudes colocadas como positivas ou negativas, como dignas ou não dignas, como corretas ou erradas. Confessar sobre o sexo é falar sobre o mais íntimo do ser, enquanto outros dispositivos controlam e regulam o ato da confissão é um poderoso mecanismo disciplinar, pois dentro da confissão está inserido o sujeito que confessa e o interlocutor que escuta e aponta seus pecados e insanidades individuais. A confissão das verdades mais íntimas e escondidas é um procedimento que visa a individualização e manutenção do poder.

Desde a Idade Média pelo menos, as sociedades ocidentais colocaram a confissão entre os rituais mais importantes de que se espera a produção de

verdade: a regulamentação do sacramento da penitência pelo Concílio de Latrão em 1215; o desenvolvimento das técnicas de confissão que vêm em seguida; o recuo na justiça criminal, dos processos acusatórios; o desaparecimento das provações de culpa (juramentos, duelos, julgamentos de Deus); e o desenvolvimento do método interrogatório e de inquérito; a importância cada vez maior ganha pela administração real na inculpação das infrações – e isso a expensas dos processos de transação privada – a instauração dos tribunais de Inquisição, tudo isso contribuiu para dar a confissão um papel central na ordem dos poderes civis e religiosos. (FOUCAULT, 1999, p, 58).

A confissão amplamente usada no ocidente passou a ser uma forma de produzir verdades, ela está ligada a forças vinculadas na pedagogia, na justiça, na medicina, na religião, nos ambientes familiares inclusive na própria relação sexual se estimula a confissão. A confissão dispersa as dúvidas e libera os silêncios. As mais secretas situações devem ser confessadas, tudo é passível de ser confessado, como pontua Foucault: 1999, p, 59 “(...), *confessa-se os crimes, os pecados, os pensamentos e os desejos, confessam-se o passado e sonhos confessa-se a infância (...)*”, tudo deve ser contado, nada pode ficar escondido. Pois a suposta liberdade da confissão propicia acesso ao inacessível.

A confissão pode ser espontânea, imposta e às vezes até extorquida, um sistema de controle existe para garantir à confissão das massas e desta forma a manutenção do saber e poder se mantém. Desde a Idade Média o mecanismo da tortura é utilizado como elemento para os que da confissão se desviam ou aqueles que ao confessar confundiram heresias impronunciáveis. A confissão se torna parte de um ritual com o estabelecimento de um interlocutor que se coloca como apropriado a

ouvir, e ainda interpretar e traduzir, julgando os certos e errados, os sujeitos e limpos daquilo que foi confessado, tal ritual fortalece as relações de poder entre os sujeitos que confessam e os interlocutores que escutam e agora sabem seus segredos e intimidades em detalhes.

Ora, a confissão é um ritual de discurso onde o sujeito que fala coincide com o sujeito do enunciado; é, também, um ritual que se desenrola numa relação de poder, pois não se confessa sem a presença ao menos virtual de um parceiro, que não é simplesmente o interlocutor, mas a instância que requer a confissão, impõe-na e intervém para julgar, punir, perdoar, consolar, reconciliar; um ritual onde a verdade é autenticada pelos obstáculos e as resistências que teve de suprimir para poder manifestar-se; em fim, um ritual onde a enunciação em si, independentemente de suas consequências externas, produz em quem a articula modificações intrínsecas: inocenta-o, resgata-o, purifica-o, livra-o de suas falhas, libera-o, promete-lhe a salvação. (FOUCAULT, 1999, p, 61).

Será difundida uma série de métodos a estimular a confissão e a usar como mecanismo de poder. Um interesse cada vez maior político econômico surge em torno do sexo e das sexualidades, pois os discursos são fundamentais para o exercício de poder. Pois as verdades de cada sujeito agora não pertencem mais exclusivamente a si próprio, os segredos agora estão ligados a um interlocutor que detém o poder em pontuar os caminhos a serem seguidos, os encaminhamentos que cada indivíduo deve merecer. Neste jogo de falar e escutar, o que escuta, aconselha, julga, determina mantém o poder. No ritual da confissão os procedimentos vão se tornando diversos e abrangentes, não sendo mais pertencentes de exclusividade religiosa ou médica, agora ela se insere nas rotinas das mais

diversas instituições como coloca Foucault, (1999. Pág. 62). “(...), foi utilizada em toda uma série de relações: crianças e pais, alunos e pedagogos, doentes e psiquiatras, delinquentes e peritos, (...)”, onde agora os registros das confissões passam a ser regulares para que se mantenha o acompanhamento das sanidades e insanidades das massas.

As motivações e os efeitos dela esperados se diversificam, assim como as formas que toma: interrogatórios, consultas, narrativas autobiográficas ou cartas, que são consignados, transcritos, reunidos em fichários, publicados e comentados. Mas a confissão se abre, senão a outros domínios, pelo menos percorrer tais domínios. (FOUCAULT, 1999, p. 62-63).

As verdades devem ser ditas, tudo deve ser falado. Um amplo registro dos prazeres é mantido, o prazer começa a ser classificado, descrevem-se os costumes, os gozos, as estranhezas, as perversões, a confissão passa a ter também um caráter de ciências de investigação das particularidades. Surge no século XIX uma ciência do sexo, que é a *scintia sexualis*, com utilização de complexos métodos e regularidades científicas, apontaremos cinco desses procedimentos de extração da confissão sexual que visavam fazer da confissão algo científico apontados por Foucault.

1 - Através de uma codificação clínica do “fazer falar”: O relato feito pela confissão passa por um processo de codificação, (interrogatório, hipnose, associação-livre, entre outros), através do qual o que é falado possa ser aceito pelos padrões cientificamente aceitáveis.

2 - Através do postulado de uma causalidade geral e difusa: É concedido ao sexo, no século XIX, um poder de causalidade inesgotável. Com isso, quase todas as doenças ou distúrbios passavam pela suspeita do crivo sexual, estando justificada a necessidade de confissão.

3 - Através do princípio de uma latência intrínseca à sexualidade: Ocorre a divulgação do preceito de que seria natural ao sexo ocultar-se. Assim, existiria algo na sexualidade que estaria escondido do próprio sujeito, criando a exigência de um interrogador habilitado cientificamente.

4 - Através do método da interpretação: A verdade revelada pela confissão precisa ser decifrada por aquele que escuta, estabelecendo com isso o método interpretativo da confissão e regulamentando o seu caráter científico.

5 - Através da medicalização dos efeitos da confissão: O sexo é colocado como instância norteadora do normal e do patológico, definindo uma morbidez do sexual e tornando a confissão indispensável na prática médica.

A busca por uma verdade do sexo na modernidade através dos discursos mostra que a relação do sexo com o poder é preocupação central no ocidente, acontece um rompimento com as antigas tradições que buscavam uma verdade sobre o sexo a *ars erótica*, ou melhor, a arte erótica que acaba dando lugar a *scientia sexualis*, que como já vimos é a ciência do sexo. Na concepção da *ars erótica* será no prazer sexual que se

encontra a verdade do sexo, não havendo interferência de leis ou posicionamentos da ciência. Assim o saber fica centrado nas praticas sexuais em si, onde o início e fim desta verdade se encontram nas relações sexuais prazerosas. Já na scientia sexualis será através do ato da confissão, que se atribuirá uma relação de poder e saber, e assim a verdade do sexo será alcançada. A verdade do sexo só será possível na regularidade da confissão.

O aperfeiçoamento das técnicas da ciência do sexo como função de confissão torna o homem ocidental um animal confidente, Foucault sinaliza que se habitual tanto às obrigações de confissão que já não se percebe as mesmas como instrumentos de poder. Em geral a confissão esta ligada ao sujeito de tal forma que esta confissão tem status de libertação, e colocando no silêncio o poder.

É preciso estar muito iludido com esse ardil interno da confissão para atribuir à censura, à interdição de dizer e de pensar, um papel fundamental; é necessária uma representação muito invertida do poder, para nos fazer acreditar que é de liberdade que nos falam todas essas vozes que há tanto tempo, em nossa civilização, ruminam e formidável injunção de devermos dizer o que somos, o que fazemos, o que recordamos e o que foi esquecido, o que escondemos e o que se oculta, o que não pensamos o que pensamos inadvertidamente. (FOUCAULT, 1999, p, 60).

Nesta relação de poder a ciência sexual coloca através dos discursos da confissão a verdade sobre o sexo, criando uma espécie de arquivo dos prazeres a partir do dispositivo da sexualidade. Cabe aqui

distinguir que sexo e sexualidade não possuem a mesma conotação na obra *A Vontade de Saber*, por isto em determinados momentos utilizamos um dos termos no contexto ao qual estava inserido. Para Foucault sexualidade esta ligada aos discursos como poder:

A história da sexualidade – isto é, daquilo que funcionou no século XIX como domínio de verdade específica – deve ser feita, antes de mais nada, do ponto de vista de uma história dos discursos. Consideremos a hipótese geral do trabalho. A sociedade que se desenvolve no século XVIII – chama-se, burguesa, capitalista ou industrial – não reagiu ao sexo com recusa de reconhecê-lo. Ao contrário, instaurou todo um aparelho para produzir discursos verdadeiros sobre ele. (FOUCAULT, 1999, p, 67-68).

Dentro do dispositivo da sexualidade e das estratégias com as quais se desenvolveu a noção de sexo surge como um elemento especulativo, o ideal e ser alcançado pelos prazeres e sensações. Parece um elemento imaginário que queremos conhecer, descobrir seus segredos, onde o uso do sexo nos dá a sensação de estarmos indo contra o poder. Pelo sexo acreditamos atingir a plenitude e encontramos nossa própria identidade e liberação. Para Foucault não podemos acreditar que quando aceitamos o sexo estaríamos necessariamente negando o poder.

O caminho que percorremos neste capítulo sobre a história da sexualidade que teve como base a obra *A Vontade de Saber* abre muitas perguntas e traz reflexões. Percebemos nas ideias da hipótese repressiva o quanto ainda se sugere que a mesma permeia nossas sexualidades, e vimos como historicamente estas noções foram construídas e perpetuadas. Compreendemos sobre as relações de poder e suas implicações, poder este que se manifesta de inúmeras formas e perpassa por todas as camadas,

onde ninguém está isento, poder este que existe, pois existe liberdade. Poder que se utiliza de mecanismos diversos para sua perpetuação, que horas é claro, horas é sutil, mas sempre poderoso.

Neste mesmo capítulo vimos como o ato de se confessar foi utilizado como estratégia de poder e controle, toda uma ciência do sexo foi criada para se falar sobre o sexo, onde o sexo ganhou uma dimensão científica. Foucault coloca que os discursos servem de regulação das ações dos indivíduos, pois controlar os discursos sobre o sexo é uma forma de manutenção de poder, pois não discursos sem intencionalidade e poder envolvido. Sempre importante frisar que quando se fala de discurso em Foucault, se está falando aquilo que é dito, mas também o que não é dito.

Palavras consideradas perigosas devem ser evitadas, pois não podem ferir o poder e todo um sistema de procedimentos é investido para banir o que não é conveniente. Mas na contra partida uma expansão discursiva ocorre por meio de espaços e instituições autorizadas para estimular a confissão sobre o sexo, o médico, o psiquiatra, a escola, entre outros trazem pessoas que escutam, julga-se, avaliam e retiram as verdades individuais. Assim através deste controle pretende-se a manutenção de poder.

Veremos no quarto capítulo relacionado à pesquisa na escola, que táticas de confissão continuam sendo aplicadas, por vezes através de denúncias de alunos para alunos, ou de professores para alunos e inclusive entre os pares professores. Quando não se confessa sobre si conta-se os atos e atitudes dos outros.

CAPÍTULO 3. –ESCOLA COMO ESPAÇO DE VIGILÂNCIA E CONTROLE

O objetivo deste capítulo é analisar uma das mais conhecidas instituições modernas sobre o ponto de vista de Michael Foucault, o filósofo estudou o que chama de instituições disciplinares durante boa parte de sua vida. Apesar de a instituição escola não tenha constituído um campo de investigação exclusivo de suas pesquisas, Foucault inseriu a escola no *rol* dos espaços onde o poder normalizador e disciplinar tem como finalidade a produção de corpos dóceis e conformados com o sistema que lhes é colocado.

Pensar a instituição escola sobre o olhar de Foucault significa compreender este espaço como legitimador de verdades e de individualizações que funcionem coletivamente. Os mecanismos empregados para normalização dos indivíduos pela escola são em geral são sutis e por vezes de tão padronizados e enraizados que já estão nas sociedades ocidentais não são percebidos. Para analisar a escola sobre esta ótica é fundamental revermos como se formam as relações de poder dentro da sociedade disciplinar, pois vamos olhar esta escola num primeiro momento por meio do poder disciplinador e normalizador de condutas, que levam a julgamento o que seria certo ou errado, bom ou mal, normal ou anormal nas condutas dos indivíduos, inclusive em relação aos comportamentos afetivos sexuais.

A escola é uma instituição austera que controla e disciplina os corpos preparando-os para a sociedade. As estratégias e as práticas para normalizar as condutas dentro das escolas são aplicadas de maneira a

homogeneizar os indivíduos, deixando suas particularidades e subjetividades em silêncio.

Para Foucault, escolas, quartéis, hospitais e prisões são os protótipos de instituições austeras, pois com suas práticas reguladoras e normalizadoras criaram o alicerce necessário à consolidação da disciplinarização como dispositivo de saber e poder. Sendo a escola o mais englobante deles, pois perpassam por os ambientes escolares o um enorme contingente de indivíduos, desde a infância à vida adulta, sempre seguindo normas comuns a todos que preveem o policiamento e controle dos corpos e discursos.

O sistema de educação de uma sociedade é uma forma policial de adequação social dos discursos e de suas modificações possíveis. A educação é a encarregada de distribuir, permitir e proibir discursos. A marca que a educação vai fixando nos discursos é a que surge entre o intrincado jogo das forças do poder e os estratos do poder. Ainda que saber e poder interajam dinamicamente, este último adquire certa prioridade sobre o primeiro. (DÍAZ, 2012, p. 90-91).

A efetivação das instituições disciplinares se constitui nos séculos XVIII e XIX, quando dentro destas instituições são utilizados mecanismos onde se permita o controle sobre os corpos dos indivíduos por meios de dominação e controle do tempo, do espaço, das ações para que se tornem sujeitos dóceis e manipuláveis.

A modalidade, enfim implica uma coerção ininterrupta, constante, que vela sobre os processos da atividade mais que sobre seu resultado e se

exerce de acordo com uma codificação que esquadrinha ao máximo o tempo, o espaço, os movimentos. Esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade, são o que podemos chamar as ‘disciplinas. (FOUCAULT, 1997, p, 135).

A escola moderna tem feito todo este processo de vigilância e controle dos seus indivíduos para poder conhecer as particularidades e o comportamento de cada um deles através de registros, regras, avaliações, observações os alunos vão sendo classificados. As sutilezas deste rigor são mascaradas quando inserimos os alunos em grupos e turmas para que se atenuem a ideia de individualização. Mas o poder normalizador está presente em todas as ações e relações dentro da escola quando se criam padrões de condutas tidas como aceitáveis e pune as que não se enquadram dentro das normas pré-estabelecidas. Estas punições que permeiam o universo escolar não visam à plena recuperação dos transgressores, mas sim compará-los e diferenciá-los dos ditos normais.

Diferenciar os indivíduos em relação uns aos outros e em função dessa regra de conjunto – que se deve fazer funcionar como base mínima, como média a respeitar ou como ótimo de que se deve chegar perto. Medir em termos quantitativos e hierarquizar em termos de valor as capacidades, o nível, a ‘natureza’ dos indivíduos. (FOUCAULT, 1997, p, 179).

Desta maneira a escola se forma como um espaço de observação e controle dos que lá estão inseridos, são professores, orientadores,

técnicos, gestores e até mesmo outros alunos que cuidam, vigiam, julgam e delatam as atitudes uns dos outros. Tudo para seja constituído um sistema de seleção entre os alunos, os adaptáveis e os não, que necessariamente este segundo grupo saberá de diversas formas que não parte dos considerados melhores ou de um ideal a ser atingido.

Tudo na escola proporciona as ações do controle e poder, sua própria estrutura física é constituída para que todos vigiem todos, suas salas são dispostas de carteiras em fileiras onde além da individualização de cada aluno o professor consiga perpassar por todos os cantos deste espaço, horários rígidos, troca de professores, todos prevendo a homogeneização das condutas.

A escola como outros espaços disciplinares é um lugar delimitado fisicamente e preocupado com a distribuição dos indivíduos para facilitar o controle das atividades impondo regras e normas a todos. Um dos mecanismos de controle e a imposição de horários rigorosos que mantem de forma ininterrupta atividades reguladoras, e assim evita-se a distração e perturbação por parte de alguns indivíduos. Pois se faz importante que todos (as) estejam em atividades constantes para a melhor condução das rotinas diárias.

O horário: é uma velha herança. As comunidades monásticas haviam sem dúvida sugerido seu modelo estrito. Ele se difundiria rapidamente. Seus três grandes processos – estabelecer censuras, obrigar a ocupações determinadas, regulamentar os ciclos de repetição – muito cedo foram encontrados nos colégios, nas oficinas, nos hospitais. (FOUCAULT, 1997, p, 146).

Temos ainda outros inúmeros exemplos de discursos que ainda hoje se fazem presentes nas escolas que demonstram que a austeridade está assente na escola: carteiras posicionadas em fileiras, o uso de uniformes escolares, os olhares vigilantes dos profissionais da educação, os obedientes serem considerados melhores que os outros, provas, tarefas, horários e discursos do que é ou não bom e adequado fazem parte das rotinas escolares. Preparando estes jovens para que tenham corpos disciplinados, preparados para atender as exigências dos poderes que cerceiam determinada sociedade, estes corpos disciplinados também são chamados de corpos dóceis. “É dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado” (FOUCAULT, 2014, p 134).

Foucault é um crítico da escola moderna, pois a compreende como um espaço disciplinar onde é possível moldar os indivíduos de acordo com as necessidades vigentes. Tudo na escola é organizado para que cada um seja controlado e individualizado. Controle este que prevê que tudo ocorra com agilidade e melhor desempenho possível.

A escola se tornou um aparelho no qual o aluno é alojado dentro de um nível ou série, e um apanhado de técnicas serão efetuadas para avaliar este aluno. Relatórios, diários de classe, boletins, provas, cadernetas, exercícios mentais e físicos, gráficos, ou seja, códigos como instrumentos que se tornam vivos nas rotinas das escolas com o objetivo de fazer que ninguém fique sem atividade e seja cuidadosamente avaliado dentro deste espaço.

Esses códigos eram ainda muito rudimentares, em sua forma qualitativa ou quantitativa, mas marcam o momento de uma primeira formalização do individual dentro das relações de poder. As outras inovações da escrita disciplinar se referem à correlação desses elementos, à acumulação dos documentos, sua seriação, à organização de campos comparativos que permitam classificar, formar categorias, estabelecer médias, fixar normas. (FOUCAULT, 1997, p 185-186).

Estas táticas servem para ajustar os alunos às regras do espaço e condiciona-los para vida adulta, bem como através de todos estes mecanismos criam-se concepções sobre cada indivíduo, de bom ou mal, de capaz ou incapaz, de disciplinado ou desordeiro. Classificando-os de acordo com os olhares e respostas dadas durante o processo de frequência na escola.

Para Foucault existem algumas instituições que ele pontua como instituições de sequestro, estão entre elas, à prisão, o quartel, o hospital e a escola, pois nestes espaços serão utilizadas técnicas disciplinares para uma normalização dos indivíduos. Nestes espaços todas as atividades serão desenvolvidas em detalhes, com etapas a serem cumpridas, no caso da escola o poder disciplinar está presente desde a educação infantil, regras, horários, obediência, que vão aos poucos sendo incorporadas e até naturalizadas como um ideal a ser seguido. É comum escutar nas escolas discursos de como é bom ter aquele aluno, pois é tão obediente, ou escutar o inverso também. Na escola se criam sanções ou punições aqueles que não cumprem com rigor as etapas e atividades previstas na rotina escolar.

Na oficina, na escola, no exército, funciona como repressora toda uma micropenalidade do tempo

(atrasos, ausências, interrupções das tarefas), da atividade (desatenção, negligência, falta de zelo), da maneira de ser (grosseria, desobediência), dos discursos, (tagarelice, insolência), do corpo (atitudes incorretas, gestos não conformes, sujeira), da sexualidade (imodéstia, indecência). Ao mesmo tempo é utilizada, a título de punição, toda uma série de processos sutis, que vão do castigo físico leve a privações ligeiras e as pequenas humilhações. (FOUCAULT, 1997, p, 175).

As escolas modernas mantem em suas atividades cotidianas punições aos alunos que não acompanham o desejável ou que não se enquadram em todas as atividades propostas, os castigos físicos hoje não são mais concebidos, pois uma séria de leis protegem as crianças e adolescentes, o que desagrade muitos professores, que discursos, que na sua época por aluno para se ajoelhar no milho resolvia tudo. Porém as privações e humilhações estão muito presentes. Privam-se alunos das atividades físicas, de passeios, de filmes, enfim, justamente atividades que diferenciadas. As humilhações também são constantes, desde a exposição de notas de exames em público, até discursos inflamados sobre o insucesso que este aluno terá durante a vida, como se pudessem prever o futuro dos jovens, e que infere diretamente na autoestima, desempenho.

Por meio de algumas instituições disciplinadoras e pela escola desenvolve-se o poder da norma, que pretende homogeneizar este espaço, padronizando condutas, ações e comportamentos e assim consegue também individualizar cada um. Este poder da norma tem duas capacidades mais específicas, é homogeneizante como poder que regula a todos o mesmo tempo, e também é individualizante quando sinaliza as

diferenças, compara uns com os outros e faz disto um mecanismo de julgar e avaliar cada um.

Em certo sentido, o poder de regulamentação obriga à homogeneidade; mas individualiza, permitindo medir os desvios, determinar os níveis, fixar as especialidades e tornar úteis as diferenças, ajustando-as umas as outras. Compreende-se que o poder da norma funcione facilmente dentro de um sistema de igualdade formal, pois dentro de uma homogeneidade, que é a regra, ele introduz, como um imperativo útil e resultado de uma medida, toda a gradação das diferenças individuais. (FOUCAULT, 1997, p. 181).

Esta se refere às condutas de cada um reforçando suas diferenças, e ao mesmo tempo lhes apresentando um padrão como ideal, quando se compara os resultados avaliativos dos alunos, quando se equipara as condutas entre os alunos, o poder da norma esta sendo exercido em nome de uma homogeneidade.

Outro quesito importante de se verificar na escola como instituição disciplinar se refere aos exames de passagem, as provas e exercícios que vão capacitar os indivíduos a trocarem de série ou não, estes exames servem é também uma técnica de vigilância hierarquizada, pois é aplica pelos professores e efetuada pelos alunos, onde os resultados avaliados pelos professores demonstrarão se a passagem do conhecimento foi efetuada ou não. Tendo o aluno neste processo a função de responder o que lhe for questionado, segundo a ótica do professor. O exame serve para qualificar, desqualificar, classificar os indivíduos como aptos ou não.

O exame combina as técnicas da hierarquia que vigia e as da sanção que normaliza. É um controle normalizante, uma vigilância que permite qualificar,

classificar e punir. Estabelece sobre os indivíduos uma visibilidade através da qual eles são diferenciados e sancionados. É por isto que, em todos os dispositivos de disciplina, o exame é altamente ritualizado. (FOUCAULT, 1997, p, 181).

Como foi visto as diversas faces da disciplina se constituem dentro dos espaços escolares, estas buscam o controle, vigilância e a normalização dos indivíduos que na escola estão inseridos. O poder se utiliza de uma série de técnicas para sua manutenção, desde o controle dos horários, as disposições em sala de aula, as atividades controladas, os rituais a serem cumpridas, as condutas, os exames, toda uma estrutura montada para o controle e formação de futuras gerações dóceis e obedientes. As técnicas de controle são as mais diversas possíveis sendo que algumas são tão sutis que passam despercebidas, se tornam rotina, se tornam normais.

No capítulo quatro que compreende a pesquisa na escola voltaremos a abordar as técnicas de controle e vigilância dentro deste espaço, pois tudo o que foi observado e colhido nos discursos de alunos e professores demonstra as técnicas de vigilância e controle dentro do espaço escolar. Desde a estrutura da escola numa versão do panoptico onde o pátio que é o lugar social onde todos se encontram possa ser minuciosamente observado por qualquer um de qualquer lugar. Bem como todas as salas de aula são propositalmente dispostas de frente umas para as outras. A divisão hierárquica de poder, onde uns se subordinam aos outros, e por vezes dispõem de olhos vigilantes entre alunos, que vigiam de alunos e professores.

As disposições na sala de aula das carteiras, o andar dos professores, os exames, as comparações e os discursos do que é um bom aluno, e daqueles que seguem a visão do professor não são. O sino controlando os horários, as extensas e eternas atividades, para que ninguém fique sem ocupação. Enfim no quarto capítulo retomaremos alguns pontos cruciais desta escola como espaço de vigilância e controle.

Mas será que a escola não podem ter outras possibilidades? Traremos a seguir uma proposta de como a escola também pode ser vista.

3.1 – A ESCOLA COMO POSSIBILIDADES NA DESCONSTRUÇÃO DE ESTIGMAS

A escola e o ambiente favorável para oportunizar reflexões de temas geradores de debates, pois nela se encontram todos os equipamentos e pessoas que na teoria estariam ou estão preparados, instrumentalizados para não somente o repasse de conhecimentos de áreas técnicas e específicas, mas pessoas capacitadas a oportunizar discussões, argumentações sobre os mais variados temas e assuntos que são de alguma forma polêmicos, pois a liberdade de abordagem ofertada pelos espaços escolares apesar de restrita é muitas vezes o único lugar de manifestação da sua identidade e curiosidades a respeito de algo.

Embora as instituições sociais como a família, igreja e os meios de comunicação de massa exerçam grande influência na educação dos indivíduos, a escola é a instituição especificamente organizada

para transmitir seletivamente às crianças a herança cultural da sociedade. (OLIVEIRA, 2001,p, 215).

Mas ao mesmo tempo o espaço escolar segue padrões, conceitos e valores que estão presentes na sociedade, nossos professores (as), estudantes e profissionais da educação são seres sociais, pertencem a grupos religiosos, formatos familiares, clubes, classes sociais, etnias distintas entre si, assistem a programas de televisão e trazem consigo ideias pré-concebidas sobre os mais variados assuntos e as mais distintas opiniões.

Respeitar e priorizar as individualidades se torna de suma importância, e a Instituição escola tem como uma das suas responsabilidades e dever social a de ser a responsável em garantir equidade para levar os estudantes inseridos nestes ambientes a se sentirem seguros e atuantes no espaço e conseqüentemente na sociedade.

Pensando assim, é dever do trabalho escolar além das questões pedagógicas, ensinar e orientar nossos educandos e educadores a refletirem sobre as identidades e as individualidade dos estudantes e comunidade escolar, ao mesmo tempo incentivar a participação, e a convivência fraterna no coletivo. Ou seja, estimular o diálogo entre os “diferentes” e criar canais facilitadores na busca da equidade de gênero e das múltiplas orientações afetivas sexuais.

A vida em sociedade tem se mostrado cada vez mais complicada, não só pela complexidade das relações, como também pela heteronormatividade imposta onde surge cada vez nas relações de poder desigualdades, injustiças e desabonos entre dominados e dominantes.

Deve-se entender o que a escola como instituição social pode e fazer sejam através de projetos e práticas pedagógicas o fortalecimento dos Temas Transversais com os estudantes e a comunidade escolar e ainda estruturar um currículo pós-crítico para que se pense e criem-se mecanismos onde se oportunize viabilizando das informações essenciais para mudanças de paradigmas e atitudes relacionados à convivência entre as diversas manifestações das orientações afetivas sexuais.

Se a escola reproduz os valores preconizados na sociedade, poderemos perceber a superação de paradigmas e possibilitar mudanças de comportamento quando no contexto atual oportunizarmos novos olhares sobre as “diferenças”, propiciando um novo olhar a novos modelos de vida, de sociedade, de família e da própria escola. As sociedades ocidentais através da educação e releitura de padrões vêm aos poucos, mas, porém com determinados alcances derrubando tabus e referências tidas como eternas e imutáveis, percebido na leitura da obra de Castells:

O patriarcalismo é uma das estruturas sobre as quais se assentam todas as sociedades contemporâneas. Caracteriza-se pela autoridade, imposta institucionalmente, do homem sobre a mulher e filhos no âmbito familiar. Para que essa autoridade possa ser exercida, é necessário que o patriarcalismo permeie toda a organização da sociedade produção e do consumo à política, à legislação cultura. (CASTELLS, 1999, p, 169).

Dentro destes princípios fica evidente que é a escola o espaço ideal e adequado para rememorar estas conquistas e continuar instrumentalizando as crianças e jovens que futuramente serão os atores

nos mais variados papéis na sociedade e é neste espaço que devemos aprofundar a conscientização sobre humanidade, respeito, justiça e fraternidade entre todos os que lhe cercam. O próprio espaço escolar e suas propostas pedagógicas continuam e referenciar a uniformização não somente nos atos ensinar, mas o comportamental deve também ser unificado com normativas e olhares que limitam a individualidade plena, estimula e valoriza as condutas tidas socialmente bem encaixadas dentro de padrões preestabelecidos, recusa e desabona toda manifestação diferenciada que não faz parte do contexto tido como “normal” ou padrão.

Toda e qualquer ação, postura até de opinião que não comungue com o sentido padronizado é percebida com estranhamento e cautela, e mecanismos na sociedade e na sua extensão do espaço escolar são pensados e criados na tentativa de restabelecer a ordenação padronizada. Padronização esta que é incentivada a todo o momento, de várias maneiras, carregada de intensões, onde as diferenças que deveriam ser percebidas como atrativas e positivas, acabam que por produzir sentimentos de distinção e rejeição.

O início da desconstrução do modelo patriarcal pode ser visualizado a cada dia com mais frequência e ‘naturalidade’ nos ambientes escolares pelo aumento cada vez maior de casais separados, o que gera famílias de solteiros, com a presença de apenas um dos pais ao lado dos filhos; que implica numa formação de novos modelos familiares.

São mães, pais, tias, avós criando e educando inúmeras crianças e adolescentes, modelos familiares cada vez mais comuns e crescentes em reuniões de “pais” e nos portões das escolas, o que implica também em

mudanças de atitudes e no repensar propostas pedagógicas e curriculares para que se atendam todos com os mesmos princípios e eficácia.

Os novos modelos e formatos familiares contam também com a presença de dois pais, duas mães, estão cada vez mais evidentes e crescentes nas sociedades atuais, muitos países mundo a fora já legalizaram e legitimaram uniões entre casais do mesmo sexo, e o Brasil está a cada dia também visualizando e atendendo esta nova demanda de estrutura familiar.

E estas famílias têm os mesmos dilemas, anseios e angústias que todo pai e mãe possuem, por tanto pensar nas integrações justa e igualitária de todos dentro dos educandários é emergencial e fundamental, para a diminuição de estigmas e rótulos eternizados por outros modelos curriculares que negligenciaram estes sujeitos de seus direitos, na obra *Documentos e Identidades: uma introdução às teorias do currículo* fica mais claro nosso entendimento a respeito destas inclusões nos debates e ações nas escolas como coloca Silva:

O homossexual é o queer, o estranho da sexualidade, mas essa estranheza é virada contra cultura dominante, hegemônica, para penetrar em territórios proibidos de conhecimento e identidade. O queer se torna assim uma atitude epistemológica que não se restringe à identidade e ao conhecimento sexuais, mas que se estende para o conhecimento e a identidade de modo geral. Pensar queer significa questionar, problematizar, contestar, todas as formas bem-comportadas de conhecimento e de identidade. (SILVA, 1996, p, 107).

Os currículos conhecidos com uma Teoria Pós-crítica são os que trazem consigo muitas características e discursos que se postos em

prática, legitimam e abrangem uma maior gama possível da diversidade presente nos ambientes escolares e na sociedade em geral.

Sabemos que cada tempo criou seus currículos carregados de intensões e pretensões, onde o papel dos grupos dominantes era e ainda é de influir mentes naquilo que intencionam e assim se perpetuam no poder. Na atual sociedade não cabe mais tais situações e relações com a sociedade de agora e principalmente com a sociedade que almejamos ter, ou seja, uma sociedade preparada para avaliar antes de agir, e conviver de forma harmoniosa e fraterna.

Para as teorias pós-críticas, o conhecimento não é exterior ao poder, o conhecimento não se opõe ao poder. O conhecimento não é aquilo que põe em xeque o poder, o conhecimento é parte inerente do poder. Em contraste com as teorias críticas, as teorias pós-críticas não limitam análise do poder ao campo das relações econômicas do capitalismo. Com as teorias pós-críticas, o mapa do poder é ampliado para incluir os processos de dominação centrados na raça, na etnia, no gênero e na sexualidade. (SILVA, 2005, p, 149).

Tem-se na escola um ambiente favorável para a compreensão e o fortalecimento da cidadania, pensar na capacitação de profissionais da educação que contribuirão com a disseminação de uma cultura de paz e respeito às diferenças, onde a promoção de valores voltados ao respeito a diversidade, possibilite na escola um real espaço de integração, socialização. Trabalhar nas escolas a humanização é indispensável para a construção de uma sociedade que se fundamente no respeito e compreensão. A escola pode ser um ambiente promissor para a construção da cidadania. Ainda que de maneira acanhada, o Brasil vem percebendo,

nos últimos anos, o potencial dos estudantes e profissionais da educação na disseminação de princípios como respeito, ética e responsabilidade.

Educar para a heterogeneidade nada mais é que educar futuros (as) adultos (as) para o respeito às diferenças entre os indivíduos, de modo aos poucos diminuir significativamente o desrespeito e a discriminação contra toda e qualquer diferença inclusive a da homofobia. No ambiente escolar, o preconceito diminui a autoestima, traz problemas na aprendizagem, socialização e o rendimento, fazendo com que estes indivíduos tenham neste contexto e ambiente um lugar de desumanização e opressão. Alguns estudantes homossexuais até fazem o caminho inverso, e como forma de “compensação”, tornam-se os (as) primeiros estudantes da classe ou os (as) melhores nos esportes, tendo assim uma competição consigo mesmo, o que acarreta auto-opressão. Tratar de temas como gênero, sexualidades e orientação sexual na atual sociedade exige a criação de projetos fortes e consistentes que propiciem aprofundamento, análise, estudo e reflexão. Para uma quebra de modelos historicamente construídos e ainda vigentes e tão presentes nas rotinas escolares, para possibilitar, auxiliar e orientar na superação de estigmas relativos a homofobia, oportunizando mecanismos de uma socialização mais digna dentro dos espaços escolares.

Falar de educação diferenciada para jovens homossexuais no Brasil pode parecer, para alguns professores e pais mais conservadores, uma espécie de provocação dos próprios homossexuais assumidos, desejosos em fazer proselitismo de sua orientação sexual. Para acalmar os educadores mais temerosos, começo esclarecendo algumas premissas que alicerçam tais proposições, que têm como suporte o princípio de que a livre orientação sexual

dos jovens e adolescentes é um direito humano fundamental garantido pela Constituição Federal, pelo Estatuto da Criança e do Adolescente e pelos principais documentos internacionais de Direitos Humanos. (MOTT, 2009, p,03).

A escola atua diretamente na formação dos jovens, tanto de modo formal como informal. Além de repassar conhecimentos, é preciso conscientizá-los da necessidade de atuarem como agentes multiplicadores nas derrubadas de conceitos e preconceitos para a construção de uma sociedade mais justa humana e fraterna no que se refere o olhar e principalmente as ações na convivência no mundo heterogêneo.

É na escola então como mediadora de todo o processo de socialização das crianças e jovens que deve ser investido e fortalecido os discursos e práticas pedagógicas no sentido da formação integral de pessoas que primem pela justiça, ética e bem estar de todos com suas particularidades respeitadas para alcançarmos o sucesso toda a comunidade escolar deverá estar envolvida, a começar pelos profissionais da educação que deverão resignificar seus discursos e ações através de formações continuadas e assim poderem alterar seus modos de ver e entender o outro, no caso aqui em questão, o respeito à diversidade humana que estará sim dentro da sala de aula.

O desrespeito à orientação sexual de gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais se manifesta das mais diversas formas e em todos os ambientes sociais. Na escola se configura pela própria agregação de inúmeros atores distintos com regras e normas distintas oriundas das suas famílias bem como conceitos e preconceitos já fortemente estabelecidos,

então existem fórmulas prontas ou inacabadas que orientem a maneira como um profissional da educação deve agir. O que existirá será esforço de trabalhos em conjunto na busca de rupturas das maneiras como estão concebidos alguns discursos e ideias preconceituosas e trabalhar muito para conscientizar e mobilizar a sociedade. Esse é o caminho que pretendemos traçar, juntos mecanismos e estratégias de ações voltadas à coibição de preconceitos.

A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos “dóceis”. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência). Em uma palavra: ela dissocia o poder do corpo; faz dele por um lado uma “aptidão”, uma “capacidade” que ela procura aumentar; e inverte por outro lado a energia, a potência que poderia resultar disso, e faz dela uma relação de sujeição estrita. Se a exploração econômica separa a força e o produto do trabalho, digamos que a coerção disciplinar estabelece no corpo o elo coercitivo entre uma aptidão aumentada e uma dominação acentuada. (FOUCAULT, 2015, p. 164-165).

Um dos mais enraizados preconceitos devido a sociedade patriarcal e as normatizações por esta imposta que chegam dentro das escolas se refere às questões relacionadas às orientações afetivas sexuais, ou seja, a homossexualidade, a bissexualidade e mais cruelmente as formas de transsexualidade onde estes são negligenciadas e desabonadas por alguns estudantes, professores (as) e todos os agentes que do ambiente escolar participam, como muito bem pontua LOURO:

A homofobia, o medo voltado contra os/as homossexuais, pode se expressar ainda numa espécie de “terror em relação à perda do gênero”, ou seja, no terror de não ser mais considerado como homem ou uma mulher “reais” ou “autênticos/as. Por tudo isso, Judith afirma que é crucial manter um aparato teórico que leve em consideração o modo como a sexualidade é regulada através do policiamento e da censura do gênero. (LOURO, 1997, p, 28-29).

O mundo passa por transformações, a globalização faz parte do cotidiano dos nossos jovens, as mudanças de comportamento são uma constante em suas vidas, as novidades aguçam a curiosidade dos jovens. A escola enquanto instituição formadora nem sempre acompanha tais mudanças e por tanto focar no professorado e estudantes ao mesmo tempo.

Não podemos perder de vista que a sexualidade, gênero e ou orientação sexual não caminha sozinha e não forma um sujeito na sua totalidade, todos somos muito mais que etnia, pele, credo ou formas de amar a qual pertencemos. Os sujeitos infelizmente são julgados e sublocados conforme as ideias e ações do que fazem parte do conceito homogeneizador, do grupo heteronormativo. Onde as identidades de muitos são sufocadas por outros num eterno jogo de poder e contra poder. Pois se desconsidera as características intrínsecas de cada um:

Sujeitos masculinos ou femininos podem ser heterossexuais, homossexuais, bissexuais (e, ao mesmo tempo, eles também podem ser negros, brancos, ou índios, ricos ou pobres etc.). O que importa aqui considerar é que tanto na dinâmica do gênero como na dinâmica da sexualidade as

identidades são sempre *construídas*, elas não são dadas ou acabadas num determinado momento. Não é possível fixar um momento seja esse o nascimento, a adolescência, ou a maturidade que possa ser tomado como aquele em que a identidade sexual e/ou a identidade de gênero seja "assentada" ou estabelecida. As identidades estão sempre se constituindo, elas são instáveis e, portanto, passíveis de transformação. (LOURO, 1997, p, 27).

Portanto seria dever da escola acolher todos seus estudantes com o mesmo entusiasmo e dedicação talvez assim consiga-se em breve uma construção de uma geração que pautar sempre que a diversidade é válida e merece ser evidenciada como cita Louro que as identidades, ou seja, os indivíduos inseridos na escola podem se transformar, pensar então numa transformação que permeie situações positivas, forme seres humanos capazes de respeitar as identidades alheias, que transforme jovens em adultos conscientes. Pois no universo da escola cada indivíduo carrega consigo suas particularidades o que lhe confere ser diferente do outro, a como vimos por muitas vezes estas diferenças são motivadoras de conflitos e discriminações inclusive a homofobia.

Este capítulo nos mostrou uma mesma escola, porém com possibilidades distintas, sabemos agora o quão é rigorosa e controladora é esta instituição disciplinar e como a mesma utiliza de uma série de técnicas para a vigilância e normalização de condutas dentro do seu espaço. Mas esta mesma escola como espaço de formação humana e detentor dos potenciais de transformação. Transformação esta que poderia começar pela revisão da própria escola para consigo mesma, oportunizando debates críticos e revisitando suas práticas, seus mecanismos, ou seja, reformulando suas concepções e história.

4.0 – A PESQUISA NA ESCOLA

Depois da pesquisa bibliográfica que embasa os porquês desta dissertação e que nos insere em temas de relevância para compreensão dos resultados que serão apresentados, segue mostrar como foi a ida a campo para fazer a averiguação no espaço escolar pretendido.

Nesta pesquisa de campo o uso da perspectiva da genealogia de Michael Foucault, pois a mesma procura perceber os detalhes, as nuances, na profundidade, (*bas-fonds*) que normalmente passam despercebidos, mas que trazido à tona pode mostrar o que primeiras impressões e as aparências não tinham contado. O uso desta metodologia é fundamental para que os objetivos se aproximem ao máximo das propostas, que auxiliará na origem e permanência ou não dos discursos e atitudes que permeiam a homofobia nos espaços escolares e sociedade como um todo. A genealogia fundamenta o questionamento os porquês das instituições e na manutenção de atitudes e procedimentos já seculares.

A genealogia, então, interrogará o porquê histórico e político às regularidades e continuidades do dispositivo, à heterogeneidade que o perpassa no dito e no não dito, como discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis. Medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais e filantrópicas. (DIEZ, HORN, 2005, p, 36).

Como sinalizam Diez e Horn (2004, p22), o genealogista não deseja apreender as coisas do tempo, instituições ou leis, (...), não cai no

engodo do presentismo. A genealogia busca encontrar nas continuidades das relações de poder que se perpetuam na história compreender como estas se mantem no presente. A genealogia não vem buscar as significações de outrora, o que Foucault pretende com o uso deste método é escrever a história do presente, sobretudo aquilo que mesmo não se encontrando escondido, não é percebido pelas sutilezas que os exercícios de poder utilizam. A genealogia não tem o propósito de escrever uma história de muitas interpretações, nem recorre ao passado para explicar o hoje, mas sim procura indícios nos fatos desconsiderados, despercebidos para ampliação dos conhecimentos.

Não lhe interessa a origem, mas os começos que, conforme Nietzsche mostrou, são mesquinhos. Não busca na profundidade, mas nos bas-fonds, para permitir que as visibilidades se projetem. (DIEZ, HORN, 2004, p 36).

A genealogia sob a ótica de Foucault permite uma metodologia que intenciona averiguar o poder nos contextos e nas práticas, não julgando e sim mostrando a realidade dos discursos. A genealogia estudada por Foucault permite estudar os micropoderes, dando lugar a um novo panorama sobre as relações de poder, inclusive mostrando que o poder não é somente uma prática repressora e vinda apenas de um ponto, neste método compreendemos que o poder está em todas as relações, e em todos os pontos destas relações.

Um pouco mais claro, o método da genealogia é nos tornar também cientes do compromisso social e ético que envolve esta busca por questionamentos e informações sobre a temática proposta cabe a este

pesquisador seguir as premissas necessárias para que tudo ocorra de forma transparente e segura. Para tal criamos um roteiro a ser seguido passo a passo evitando que se pulem etapas e para que as mesmas sejam cumpridas conforme o esperado.

4.1 – PERFIL DA ESCOLA.

Importante descrever os aspectos físicos e humanos desta escola estadual que estaremos indo a campo, pois se faz necessário apresentar o espaço e as dinâmicas que envolvem esta escola para termos uma melhor compreensão dos resultados que serão apresentados. Trata-se de uma unidade de ensino estadual localizada na região central de Lages que atende as comunidades de diversos bairros de uma microrregião, a escola acolhe estudantes do 1º ano do ensino fundamental ao terceiro ano do ensino médio, recebendo-os em três turnos distintos, matutino (fundamental e médio), vespertino, (fundamental e médio) e noturno, (somente ensino médio).

A escola no ato da pesquisa contava com 598 estudantes e 49 professores, entre docentes de sala de aula e profissionais em áreas pedagógicas diversas, (biblioteca, orientação, secretaria, administrativo), ainda contava com 23 profissionais técnicos das áreas de manutenção, cozinha, limpeza, suporte e segurança.

A escola possui 22 salas de aula, 01 secretaria, 01 sala de direção, 01 sala de orientação e apoio pedagógico, 01 biblioteca, 01 sala

de professores com banheiro e copa junto, 01 sala de manutenção, 01 sala de almoxarifado, 01 refeitório, 01 ginásio coberto com quadra de multiuso, 01 sala de vídeo, 02 banheiros para alunos, e 01 banheiro para os demais profissionais, (Pois os professores têm em anexo a sala de professores), conta ainda com pátio amplo e coberto que serve também para todas as atividades culturais da e reuniões gerais, pois conta com um palco e estrutura de instalação sonora e visual.

O espaço físico escolar dispõe as salas de aula de frente umas para as outras, em duas grandes fileiras em declive, com 11 salas em cada lado, proporcionando assim que praticamente que seja possível da porta de qualquer uma das salas se ver o que acontece em todo o pátio e nas entradas das outras salas, lembrando o dispositivo arquitetônico do panóptico. O panóptico é uma criação de Jeremy Bentham em 1789, era uma construção arredondada em forma de anel, no meio do qual havia um pátio com uma torre no centro. Esta construção dividia-se em pequenas celas, salas, espaços que permitem visualizar tanto para o interior quanto para o exterior. Em cada uma dessas pequenas celas, salas e espaços terão alunos aprendendo, terão presos a serem corrigidos, permitindo a vigilância permanente de uns para com os outros, sendo este modelo arquitetônico usado por diversas instituições disciplinares modernas, tal como as escolas. Reforçando os papéis e as relações de poder neste espaço, com esta disposição organizacional este dispositivo acaba por permitir que todo mundo vigie todo mundo.

O Panóptico funciona como uma espécie de laboratório de poder. Graças a seus mecanismos de observação, ganha em eficácia e em capacidade de penetração no comportamento dos homens: um

aumento de saber vem se implantar em todas as frentes do poder, descobrindo objetos que devem ser conhecidos em todas as superfícies onde se exerça. (FOUCAULT, 1997, p, 198).



FOTO CEDIDA PELA ESCOLA

Na imagem da escola pesquisada podemos perceber a disposição das salas de aula em duas grandes fileiras posicionadas de frente umas para as outras. E o pátio onde permanecem os alunos nos momentos coletivos fica no centro das atenções, em qualquer lugar do pátio se pode ver e ser visto, é uma representação moderna e eficiente do panóptico. A estrutura arquitetônica baseada no panóptico esta presente em muitas escolas, deixou de ter uma torre central, mas se dispõe as salas de aula de uma forma em que todos vejam todos e assim os próprios alunos passam de forma propositiva ou involuntária a se cuidar e se vigiar entre si, onde o mesmo que vigiasse se sinta vigiado.

4.2 – O CAMINHO PERCORRIDO

A primeira etapa deste processo foi o cadastramento e posterior envio do projeto de pesquisa, e ainda todo um preenchimento da documentação necessária dentro da Plataforma Brasil, que consiste em ser um sistema eletrônico que recebe, sistematiza e avalia projetos de pesquisas que envolvem seres humanos por um Conselho de Ética. O preenchimento é um tanto quanto burocrático, mas necessário para que todo o processo da pesquisa possa ser acompanhado e tenha mais credibilidade. Os projetos são analisados por uma equipe que verifica todas as etapas pretendidas da pesquisa e se o projeto esta em consonância com a resolução CNS nº 510/16 para as áreas Social e Humana. Em 13/06/2016 o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética da UNIPLAC.

Após a aprovação no CEP, realizamos a primeira ida à escola pretendida para que ocorresse a pesquisa, passo este muito importante, onde ocorreu à apresentação formal deste pesquisador com a direção e orientação pedagógica da escola que aconteceu na manhã do dia 15/06/2016. Neste momento foram expostas as intenções e como ocorreria todo o processo de pesquisa. Vale frisar que a escola foi escolhida por este pesquisador não de forma aleatória, e sim por ter sido um espaço escolar que este pesquisador estudou em 1986 e 1987, nos dois primeiros anos do então chamado segundo grau, hoje ensino médio. As motivações do tema e toda a construção desta pesquisa e dissertação estão totalmente imbricadas com a vida pessoal deste pesquisador.

Nesta nova etapa pudemos sanar todas as dúvidas e expor como seriam todos os procedimentos, também foi decidido junto com a equipe

gestora da escola qual a turma de terceiro ano de ensino médio seria pesquisada e quais os horários regulares este pesquisador visitaria a escola.

Combinamos que eu frequentaria a escola após a passagem pelo processo de qualificação do mestrado e pensamos junto com a orientadora do mestrado desta forma, pois tínhamos clareza que as sugestões e apontamentos efetuados pela banca poderiam contribuir nas ações que envolveriam a pesquisa no interior da escola. E assim fizemos.

Neste segundo encontro com direção e equipe técnica foi sinalizada que seria necessário um período de observação nos ambientes internos da escola, presente no recreio, nas aulas de educação física e na sala dos professores, no refeitório; para que assim antes de entrar na sala do referido terceiro ano do ensino médio, já tivéssemos uma ambientalização do espaço físico e das rotinas desenvolvidas. Pois foi uma sugestão apontada por dois integrantes da banca, observar os rituais desta escola.

Ficou agendado que o pesquisador frequentaria a escola todas as quartas e quintas-feiras no período matutino das 8h às 11h55, horário este de funcionamento da escola neste período e onde continha o terceiro ano do ensino médio que além da observação se aplicaria a pesquisa em si, ou seja, as entrevistas com o uso do instrumento de um questionário.

No primeiro dia de observação que ocorreu no dia 13/06/2016 este pesquisador foi apresentado aos professores e demais profissionais. Neste momento foram explicados os porquês da estada por um período determinado na escola perpassando pelos diversos ambientes e o

acolhimento foi simpático e aguçou a curiosidade de muitos que já num primeiro momento se colocaram à disposição. Vale ressaltar que por um período a observação aconteceria nos espaços sociais coletivos, nos eventos da escola e em reuniões que por ventura ocorressem. Um caderno de registros foi pensado para as anotações diárias, um diário de bordo, onde o pesquisador colocava suas observações da rotina escolar.

Já no primeiro dia de inserção no pátio e corredores da escola, olhares curiosos despontavam ao pesquisador, além de ser um adulto desconhecido àquele espaço, estava o tempo todo anotando e olhando. Não demorou muito para um grupo de três meninas, de aproximadamente sete ou oito anos, virem conversar e questionar quem o pesquisador era.

- Você é do Conselho Tutelar? Perguntou sorrindo uma das meninas.

- Sorrindo o pesquisador respondeu que não, disse que era professor e que estaria na escola fazendo uma pesquisa. A mesma menina retruca.

- Mas a diretora e a (...), citou nome da orientadora sabe que você esta na escola fazendo isto?

O pesquisador respondeu que sim, que tudo o que fosse fazer passou pela autorização da diretora e inclusive dos professores (as).

Ainda intrigada com minha presença, disparou.

- Então é pesquisa por causa da briga da (...)? E citou um nome de outra menina.

O pesquisador respondeu que não, que seria uma pesquisa para conhecer melhor a escola e os estudantes do terceiro ano do ensino médio, que na escola chamam de terceirão.

- Então tá bom, e saíram rindo.

Depois fiquei sabendo que a menina era líder de sua turma e que os líderes de turma têm a função de ajudar a escola.

Com este episódio de entrada o pesquisador percebeu que todos na escola se conheciam, mesmo tendo um número expressivo de alunos, e que personagens diferentes são percebidos de imediato. Reforçando que nesta escola existe uma hierarquia de controle e que ainda há a ideia de vigilância por parte de todos, se eu não tivesse fornecido respostas adequadas talvez tivesse sido denunciado para a direção da escola. Deixando claro já neste primeiro instante que o dispositivo de uma distribuição de controle é eficaz neste espaço não somente no que diz respeito sua estrutura física, mas os mecanismos de controle e vigilância de uns sobre os outros, ou seja, uma pirâmide de hierarquias e funções, onde há professores (as) que cuidam de alunos (as), e alunos (as) que cuidam uns dos outros, e observam inclusive seus professores.

Mas o olhar disciplinar teve de fato necessidade de escala. Melhor que o círculo, a pirâmide podia atender a duas exigências: ser bastante completa para formar uma rede sem lacuna – possibilidade em consequência de multiplicar seus degraus, e de espalhá-los sobre toda superfície a controlar; e, entretanto ser bastante discreta para não pesar como uma massa inerte sobre a atividade disciplinar e não ser para ela um freio ou um obstáculo; integrar-se ao dispositivo disciplinar como uma função que lhe

aumenta os efeitos possíveis (FOUCAULT, 1997, p, 171).

Foucault nos coloca o quão o dispositivo da disposição e distribuição do controle entre os indivíduos participantes, no caso aqui de uma escola, faz do vigiar uns dos outros um sistema de controle eficaz na sociedade moderna nos espaços de convivência, onde a observação dos indivíduos por outros indivíduos proporciona um maior controle.



Fonte: ARISTIMUNÕ, 2016, [s.p.].

Na figura acima vemos um clássico esquema de divisão de poderes de uma escola, porém este reflete apenas parte de uma realidade, pois abaixo na hierarquia social da escola da direção, estão as auxiliares de direção, em seguida as orientadoras pedagógicas, apoio pedagógico, pessoal da secretaria, professores, que se dividem entre efetivos e contratados e ainda por tempo de serviço, demais funcionários que usam um sistema de reconhecimento similar aos dos professores para impor a hierarquia.

Por último, mas não menos importante nesta cadeia de poderes, vêm os alunos, que também tem uma complexa hierarquia entre eles (as),

por série, por idade, por altura, por força, por desempenho escolar, enfim um micro mundo permeado de relações de poder. Alguns alunos são encarregados de manter a escola em de vigilância eterna, são colocados pelo sistema como colaboradores, como agentes em prol de um bem maior que é a segurança e bem estar da escola. Não percebendo que estão inseridos num complexo arranjado de controle que envolve relações de poder.

E se é verdade que sua organização piramidal lhe dá um chefe, é o aparelho inteiro que produz poder e distribui os indivíduos nesse campo permanente e contínuo. O que permite ao poder disciplinar ser absolutamente indiscreto, pois esta em toda parte e sempre alerta, pois em princípio não deixa nenhuma parte às escuras e controla continuamente os mesmos que estão encarregados de controlar; e absolutamente discreto, pois funciona permanentemente e em grande parte em silêncio. (FOUCAULT, 1997, p, 174).

No decorrer dos dias de observação aos poucos os alunos (as) foram se habituando a figurado pesquisador no interior da escola, e as rotinas diárias transcorriam espontaneamente, crianças e jovens correndo no pátio, brincadeiras diferenciadas conforme as faixas etárias, namoros acontecendo, professores que se revessam para cuidar do pátio na hora do recreio, alunos que andam em grupos, alunos que ficam sozinhos. Como este pesquisador frequentava duas manhãs por semana a escola, na segunda semana já reconhecia e identificava os hábitos de muitos dos alunos da escola, pois mantinham os mesmos afazeres e iam normalmente para os mesmos lugares todos os dias.

As tecnologias de dominação agem, pois, essencialmente, sobre o corpo, e como resultado, os indivíduos são classificados e objetivados. Mas os indivíduos também constroem seus 'eus' e suas identidades, na medida em que esses objetivos e classificações são adotados e aceitos por eles. A educação liberal pretende produzir 'eus' que sejam moralmente autônomos, mas, de acordo com Foucault, qualquer noção desse tipo é espúria. (SILVA, 1994, p. 26).

Neste sentido percebemos que mesmo com todos os procedimentos disciplinares efetuados pela escola através de seus dispositivos, os alunos ainda mantem alguma particularidade e individualidade dentro do coletivo, mesmo que a escola segundo Foucault não pretenda realmente dar autonomia esta acontece de forma por vezes silenciosa e discreta nas particularidades que cada aluno manifesta. As observações do pesquisador permitiram visualizar várias vezes resistências por parte de alunos e inclusive por parte de professores relacionada a algumas normas mantidas pela escola. No dia da abertura das Olimpíadas a escola organizou um momento cultural, onde diversas turmas se apresentaram falando e das importâncias de tão grande evento a nível mundial. Turmas que relacionaram os países que viriam por continente, turmas que homenagearam os principais esportes e bem como sobre as questões econômicas e políticas envolvidas. Foram feitos murais de exposições, apresentações de danças, apresentação teatral entre outras atividades.

As reações dos alunos eram as mais diversas, desde os empolgados com as suas apresentações até aqueles que se recusavam a subir no palco junto com a turma, e eram praticamente obrigados a ir. Em dois casos distintos, enquanto seus colegas se apresentavam o aluno ficou de braços cruzados ao lado assistindo. Fatos similares ocorreram na Festa de São João. Foi percebido que mesmo por vezes a escola impondo que todos participem de todas as atividades, alguns estudantes manifestam um contra poder dentro das suas possibilidades, onde a tese de Foucault que o poder esta em todas as partes, não sendo nada ou ninguém dono do poder sozinho.

Daí a importância e polêmica ideia de que o poder não é algo que se detém como uma coisa, como uma propriedade, que se possui ou não. Não existe de um lado os que detêm o poder e de outro aqueles que se encontram alijados dele. Rigorosamente falando, o poder não existe; existem práticas ou relações de poder. (FOUCAULT, 2015, p. 17).

Como foram percebidas as resistências acontecem e são postas de maneiras distintas, ou seja, os alunos que não concordam com determinada atividade não a fazem mesmo tendo de passar por alguma situação de punição, naquele momento em que se posicionaram parados de braços cruzados estavam demonstrando descontentamento e pondo em prática as relações de poder que foram apontadas no decorrer desta dissertação. Fazendo com que o poder como pontua Foucault nunca esteja em apenas um dos lados ou pontos específicos também no espaço escolar. A indisciplina escolar que seria ir contra alguma regra vigente, ou romper

com o colocado e a maneira de expressão que os estudantes possuem para expressar suas insatisfações. Até mesmo alguns professores demonstram descontentamento com determinadas atividades propostas pela escola.

Estas observações aqui apontadas ocorreram antes do recesso escolar do mês de Julho, que iniciou em 22 do referido mês e o retorno foi no dia 01 de Agosto de 2016, a partir deste período a observação seria mais específica e acompanharia a turma do terceiro ano 1 do ensino médio, já que no período matutino havia duas turmas de terceiros anos.

Continuou-se com as idas as quartas e quintas-feiras onde se pode acompanhar esta turma com matérias e professores diversos. Nas quartas-feiras as aulas eram dispostas de duas de artes, uma de geografia e duas de matemática, já nas quintas-feiras as aulas eram distribuídas em duas de história, duas de química e uma de língua portuguesa. Sendo então seis matérias distintas cada qual com seu professor (a), de todos (as), professores (as), quatro eram do gênero feminino e dois do gênero masculino. Trazendo assim a confirmação que esta escola tem em seu contingente profissional muito mais mulheres do que homens, ao menos no Brasil isto é também notório. Segundo Almeida este processo de feminização no universo pedagógico das escolas se dá por diversos fatores que vão desde questões culturais, políticas e até econômicas. E o século XX foi investido no Brasil através das escolas normais que as mulheres se escolarizassem e assumissem o papel de professoras.

As mulheres afluíam ainda em maior número para a profissão, levadas pela necessidade de buscar instrução e poder exercer uma profissão, numa sociedade que principia a considerar o trabalho feminino como uma alternativa para alcançar o

desenvolvimento. (...) A classe média passa a considerar a utilidade do trabalho feminino como forma da família alcançar maior bem estar social. Porém esse trabalho não deve transpor os limites do socialmente adequado e a profissão de professora se alicerça como trabalho feminino por excelência. (ALMEIDA, 2014, p, 10).

As necessidades de ter uma profissão e poder alcançar determinada independência fez deste processo histórico uma realidade atual, onde a maioria dos docentes são mulheres, profissão esta considerada propícia às mulheres, podendo assim trabalhar sem ferir com uma imagem social politicamente correta.

De acordo com os dados do Censo do Professor, de 2007, último por este pesquisador encontrado, apenas 18,05 % dos professores da educação básica, que envolve educação infantil, ensino fundamental e ensino médio, eram do sexo masculino: sendo maioria apenas no ensino profissional, 53,34%. Na escola pesquisada esta disparidade se confirma e até se amplia, onde dos 49 professores, 40 eram mulheres⁶ e 09 homens, e os profissionais do sexo masculino todos atuam apenas no ensino médio. Trazemos este dado apenas como esboço da realidade da escola, da secretaria de educação de Lages, não se pretende aqui questionar ou fazer análises sobre estes dados e se os mesmos influenciam no objeto desta investigação, este tema das disparidades de gêneros entre os profissionais

⁶Segundo consulta no DRH da Secretaria da Educação do Município de Lages- SEML, em 25/05/2016, o quadro funcional de professoras e professores efetivos é constituído de 824 profissionais, sendo que deste total menos de 49 são homens e 793 são mulheres, comprovando assim que a educação escolar é amplamente formada pelo gênero feminino.

da educação é tão importante que oportuniza outra pesquisa, e que quem sabe aconteça em breve.

Continuando com as observações em sala de aula percebemos que não é pelo gênero e sim pelo posicionamento e postura do professor, que se têm atitudes e posturas diferenciadas dos alunos, parecendo que o perfil pedagógico de cada professor, esta imbricado nas ações da turma.

4.3 – O PERFIL DOS ALUNOS

A turma estava formada por 19 alunos, sendo onze do gênero masculino e oito do gênero feminino. Todos dispostos em fileiras como prevê a organização das escolas de forma geral, porém a maneira que se agrupavam era bem específica, onde das oito moças da sala seis delas sentavam na mesma fileira e em sequência, ao lado direito da sala de aula, talvez demonstrando uma união não só de aproximação de amizade, mas uma demonstração de poder feminino, as outras duas sentavam com rapazes, que logo percebi se tratar de casais de namorados. Um grande grupo de rapazes ocupava o centro da sala e todo o lado esquerdo, nos fundos ficavam dispersos outros rapazes e os dois casais de namorados.

A disposição das carteiras em forma de fileira em série vem de muito tempo e é uma forma eficaz de controle e até individualização, pois os alunos sentam normalmente sempre nos mesmos lugares, o que facilita aos professores e até aos outros a identificação imediata de cada um.

Determinando lugares individuais tornou possível o controle de cada um e o simultâneo de todos. Organizou uma nova economia do tempo de aprendizagem. Fez funcionar o espaço escolar como uma máquina de ensinar, mas também de vigiar, de hierarquizar, de recompensar. (...), imaginava uma classe onde a distribuição espacial pudesse realizar ao mesmo tempo toda uma série de distinções, (...), segundo o valor de cada um, segundo seu temperamento melhor ou pior, (...). (FOUCAULT, 1997, p, 144).

A divisão dos alunos em classes distintas, organizados em carteiras e fileiras distintas permite a circulação do professor por este espaço em todos os cantos da sala de aula, onde cada gesto, olhar, atitude, conversa pode ser observada com rigor e detalhes. Bem como permite a individualização de cada um neste espaço, inclusive oportunizando classificar os alunos e determinar seu comportamento pelo lugar que o mesmo senta.

As disposições dos lugares neste terceiro ano do ensino médio permitia aos professores andar livremente por toda sala de aula e reconhecer cada aluno e suas particularidades, pois existe colado junto à entrada da sala de aula um espelho de classe, que nada mais é que um mapa com a disposição de cada aluno na sala de aula, onde senta desde o início do ano letivo, facilitando assim aos professores o reconhecimento e vigilância de todos. Por duas vezes foi visualizada a alteração de lugar onde se senta por um estudante entre as trocas de professores, mostrando que a resistência e demonstração de poder por parte dos alunos se faz presente, tal qual como Foucault prevê em todas as relações sociais, onde

o poder não se aloja num único grupo de pessoas, numa das vezes o professor pediu ao aluno para retornar ao seu lugar, numa outra não.

A faixa etária dos alunos variava entre dos 16 aos 18 anos de idade, um fator relevante de ser apontado também é que todos os alunos da turma mantinham uma atividade no período vespertino, alguns deles cursavam cursos técnicos e a maioria já trabalha ou era estagiário em alguma empresa ou comércio.

Nestas observações foi possível este pesquisador também conhecer os alunos e as características de cada qual, era uma turma bastante coesa, alegre, extrovertida e empenhada nas atividades propostas por cada professor, não foi visto em nenhum momento qualquer ação de desrespeito ou confronto entre alunos e alunos, ou alunos e professores. A maioria dos alunos desta turma estuda há muitos anos nesta escola, e o mesmo grupo cresceram junto sendo na percepção do pesquisador simpáticos e solidários uns para com os outros, em relatos e conversas entre eles foi colocado que a maioria deles convive desde o ensino fundamental das séries iniciais. Havia também uma clara ansiedade em relação à formatura e término desta etapa das suas vidas estudantis.

4.4—O INSTRUMENTO DE PESQUISA

Ao pensarmos a pesquisa analisamos algumas possibilidades em relação ao instrumento a ser utilizado como coleta de dados, se decidiu pela realização de entrevistas através de um questionário semiestruturado,

onde perguntas abertas e fechadas estivessem contidas e permitisse desta forma que a investigação oportunizasse uma amostragem representativa dos objetos propostos sobre as relações de poder e a heteronormatividade no espaço escolar. A elaboração dos questionários foi um processo pensado desde a estética da apresentação, como principalmente nos cuidados e formas de abordagens das perguntas, pois tínhamos de pensar acima de tudo no público alvo a quem se destinaria. Evitaram-se perguntas confusas, insensíveis e complexas demais para que assim não tivéssemos constrangimentos e desconforto dos entrevistados. As respostas dos questionários não foram assistidas pelo pesquisador, pensamos assim para que os entrevistados se sentissem mais a vontade e não respondessem no sentido de agradar, já que o tempo de observação tinha oportunizado determinada proximidade entre todos. O uso do questionário para coleta de dados também favorece que nas respostas fechadas tenha-se uma maior rapidez tanto nas respostas quanto na análise de dados, permitindo assim contextualizar e agrupar melhor as respostas, já as perguntas abertas favorece um maior leque de respostas, e estas são livres de amarras, serão pessoais e originais, permitindo assim com que quando feita a análise de dados recolham respostas mais amplas e variadas.

Foram convidados a participar desta pesquisa oito estudantes e quatro professores do ensino médio de uma escola estadual que fazem parte do terceiro ano do ensino médio. A entrevista semiestruturada estará dividida em três distintos blocos, que em sequência denominamos como: Bloco I denominado de dados gerais, onde as perguntas estão relacionadas a questões pessoais, tais como: idade, gênero, etnia entre outras, para

formular um apanhado das características a que pertence. Bloco este direcionado a professores e alunos.

O bloco II, denominado de dados específico, também pensado para professores e alunos responderem, as perguntas foram estruturadas para que nas respostas pudessem-se observar quais são as concepções e ideias a respeito da heteronormatividade, e como se constroem as referências e modelos sobre a homossexualidade para exporem seus discursos e ações. Se o fato de conviver no espaço escolar com homossexuais é um problema ou não? E ainda se a escola é considerada um espaço adequado para debates a reflexões acerca do tema?

Já no bloco III as perguntas ficaram direcionadas aos professores e aos alunos de forma distinta, onde cada grupo respondeu a questionamentos mais específicos, o demonstrativo desta entrevista, ou seja, o modelo do questionário esta disponível no apêndice desta dissertação.

Para uma maior credibilidade na aplicação dos questionários, denominamos os mesmos com nomenclatura de sobrenomes astros e estrelas do cinema das décadas dos anos de 1980, tais como Berenger, Stone, Turner, Davis, entre outros garantindo assim o sigilo na preservação da identidade dos entrevistados na pesquisa, e trazendo um sabor nostálgico e diferenciado. E para a análise de dados estas nomenclaturas darão aos leitores desta dissertação uma melhor visualização e compreensão, já que teremos logo a seguir um quadro demonstrativo sobre alguns aspectos coletados no Bloco I sobre os entrevistados. Pois numa análise de pesquisa sobre a perspectiva de

Foucault, todos os dados e características inclusive pessoais são importantes de serem observados.

Para Foucault, nada há por trás das cortinas, nem sob o chão que pisamos. Há enunciados e relações, que o próprio discurso põe em funcionamento. Analisar o discurso seria dar conta exatamente disso: de relações históricas, de práticas muito concretas, que estão vivas nos discursos. (FISCHER, 2001, p, 198-199).

A história de cada entrevistado, ou seja, suas peculiaridades, faixa etária, tempo de serviço na escola, etnia, segmento religioso serão muito importantes para os entendimentos acerca das respostas de cada qual.

Os participantes tanto professores quanto alunos, foram convidados a participar da pesquisa, e se colocaram a disposição para a mesma. Nem para com os professores ou para alunos foi direcionado quem responderia, foi um ato voluntário com o interesse na contribuição. Tínhamos a intenção que do grupo de professores ao menos um dos entrevistados fosse do corpo técnico pedagógico da escola e os demais professores de sala de aula, para ampliar as possibilidades de resposta. E foi exatamente isto que aconteceu, pois dos quatro primeiros professores que se colocaram ao dispor desde o primeiro momento, três eram professores de sala de aula e um com outro cargo. Já com os alunos dependíamos da autorização de algum responsável adulto, já que a maioria era menor de dezoito anos de idade. Tínhamos como meta que oito alunos participassem da coleta de dados, como dos 19 alunos apenas dois já estavam com 18 anos, então os demais necessitavam trazer o

TECLE assinado por um responsável no dia proposto para acontecer à coleta de dados.

Na manhã que junto com a escola tínhamos previsto para que ocorresse a coleta de dados os oito alunos que tinham se colocado ao dispor do pesquisador trouxeram devidamente assinado o documento necessário. A escola organizou que os oitos alunos permanecessem em sua sala de aula e os demais alunos foram conduzidos a outras atividades. Com os professores a distribuição do instrumento de pesquisa ocorreu no início da manhã, e a escola organizou que cada professor tivesse um tempo para responder o mesmo de forma individual na sala da orientação pedagógica. E a orientadora ficaria na sala de aula neste momento.

Foi reproduzido um número superior de questionários tanto para professores quanto para os alunos, pensando que por ventura pudesse haver algum imprevisto. Cada questionário foi disposto dentro de um envelope pardo, apenas com uma escrita na parte externa, Professor ou Aluno para identificação tanto para entrevistados e para o pesquisador. Dentro de cada envelope na primeira página no lado superior esquerdo encontrava-se um codinome como já foi explicado anteriormente. Também foi criado um texto inicial, onde o compromisso com a ética e sigilo foi reafirmado, e elucidando os passos para o preenchimento do mesmo. O pesquisador como mencionamos anteriormente não permaneceu na sala aula com os alunos e nem com os professores durante o período das respostas. Tanto as respostas dos alunos quanto dos professores foram devolvidas dentro dos envelopes e o mesmo foi fechado com cola, e foram recolhidos pelo pesquisador todos juntos. Evitando novamente saber quem os respondeu. Como nada foi escrito por parte dos entrevistados na parte externa do envelope esta garantia foi assegurada

com êxito. É importante frisar que todos os envolvidos na pesquisa receberam, leram e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TECELE, pois esta etapa é prevista numa pesquisa onde seres humanos são entrevistados.

4.5 – RELATOS DE PROFESSORES E ALUNOS

Depois de ter em mãos os dados coletados coube agora ao pesquisador fazer a leitura, organização e trazer aqui o levantamento dos mesmos. Nesta análise pretende-se que os resultados obtidos sejam apresentados de forma que as respostas dadas pelos entrevistados proporcionem análises e reflexões sobre as relações de poder e as implicações na formam discursos e conceitos sobre a sexualidade, no caso aqui sobre as concepções da heteronormatividade.

Descrevemos a seguir o perfil dos entrevistados, segundo gênero, idade, etnia, entre outros itens, dados estes obtidos através das respostas colocadas no Bloco I do instrumento de pesquisa.

Quadro 1: Perfil dos professores

Nome	Lancaster	Hauer	Ford	Stone
Gênero	Masculino	Feminino	Feminino	Masculino
Idade	38	43	49	40
Etnia	Parda	Parda	Branca	Diz pertencer a muitas etnias. (ver).
Religião	Igreja Luterana	Católica	Católica	Judaísmo Reformista

Em relação ao perfil dos professores entrevistados se percebe um perfil diversificado e ao mesmo tempo equilibrado, a exemplo a variação de idade entre os entrevistados é pequena. Nas questões religiosas a variação foi maior. No item relacionado à etnia as respostas que trouxeram reflexão sobre a condução da pergunta relacionada a este quesito.

A pergunta estava contida no instrumento de pesquisa exatamente assim:

A qual etnia você se considera pertencer?

Negra

Indígena

Branca

Oriental

Outras: cite seu pertencimento:_____.

Dois dos entrevistados assinalaram a resposta Outras e se descreveram como etnia parda, pois esta opção não tinha sido marcada.

O entrevistado Stone foi muito além, ele assinalou em Negra e ao lado escreveu – Mãe; depois assinalou Indígena e ao lado assinalou - Avó, assinalou Branca e colocou - Pai, assinalou Oriental e disse Antepassados, e continuou com este breve manifesto.

- Entendo assim. Sou fruto deles. Não gosto desses termos que cerceiam a pessoa humana. Sou gente. Sou humano. Sou cidadão planetário. Sou da Mãe Terra.

As respostas trouxeram ao pesquisador a reflexão de numa próxima investigação rever seu instrumento de pesquisa quando abordar

as questões das etnias, bem como rever se realmente se faz necessário manter tal pergunta, pois se queremos uma desconstrução, temos de iniciar pelos mecanismos de abordagem, quando foi lida a resposta de Stone o pesquisador remeteu-se como entrevistado e imaginou como será sua resposta a partir deste fato.

O trabalho do pesquisador será constituir unidades a partir dessa dispersão, mostrar como determinados enunciados aparecem e como se distribuem no interior de um certo conjunto, sabendo, em primeiro lugar, que a unidade não é dada pelo objeto de análise. (FISCHER, 2001, p, 204).

A contribuição de Stone foi de muita valia, pois levantou algo que não estava previsto, trazendo a tona que a pesquisa é dinâmica, é viva, implicando em muito mais campos que previamente imaginados.

O próximo quadro ou tabela mostrará o perfil dos alunos, seguindo o mesmo roteiro que foi efetuado com os professores.

Quadro 2 – Perfil dos alunos

Nome	Dafoe	Turner	Shepard	Pryce	Cruise	Davis	Murray	Fischer
Gênero	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	Fem.	Fem.	Masc.	Masc.
Idade	16	16	17	18	17	17	17	16
Etnia	Branca	Branca	Branca	Negra	Branca	Parda	Branca	Branca
Religião	Espírita	Católica	Católica e Espírita	Não tem religião	Católico	Ver resposta	Católica	Evangélico

Os alunos que participaram da entrevista tem a mesma faixa etária de idade, isto já previsto e anteriormente mencionado, pois estudam na mesma série/ano do ensino regular. Dos oitos entrevistados seis deles disseram pertencer a etnia branca, um a etnia parda e um da etnia negra. Quando se perguntou sobre a que religião ou segmento religioso pertence duas respostas foram além da simples nomeação religiosa.

Davis respondeu o seguinte para pergunta: Você frequenta ou pertence a algum segmento religioso?

- Não, acredito que Deus não está somente nas igrejas, Deus está em todo o lugar. Não sou religiosa, não gosto de falar sobre isso porque sempre tem alguém fanático por tal religião e eu abomino o fanatismo religioso.

Já Turner teve uma resposta totalmente diferenciada da anterior, e pontuou:

- Sou católica, e estou entrando para o grupo de jovens da catedral, para poder ficar mais próximo de Deus.

As distâncias nas duas concepções sobre a religiosidade entre Davis e Turner animou muito o pesquisador em relação ao que viria de respostas pela frente, pois se na parte de dados gerais os entrevistados já estavam fazendo ponderações substâncias, imaginou-se que nas questões específicas teríamos apontamentos para uma boa análise de dados.

Visto os dados gerais vamos seguir agora para as questões específicas que estão divididas em dois momentos, na primeira parte reflexionaremos sobre as percepções sobre a heteronormatividade e da homossexualidade, ou seja, de onde vêm as influências para que

professores e alunos pensem e se posicionem a respeito do tema. Também neste bloco II, questionou-se sobre se no espaço escolar foi visualizada alguma ação contra homossexuais (homofobia), e se ainda este espaço escola é adequado para geração de debates sobre o tema. A partir de agora para facilitar a análise e visualização dos resultados das mesmas, iremos separar as respostas entre professores e alunos, podendo assim ter uma visão do que cada grupo pensa e nas considerações finais deste capítulo defrontaremos as mesmas, decidimos por organizar as perguntas na forma de subtítulo e as respostas em seguida, também traremos citações que versem com tema ou com a ótica de Foucault.

4.5.1 – A ORIENTAÇÃO SEXUAL DOS ENTREVISTADOS

Todos os entrevistados entre professores e alunos sem exceção responderam que se consideram heterossexuais quanto fizemos o questionamento acima, não oportunizando a esta pesquisa a oportunidade de saber de alguém não heteronormativo suas opiniões.

Importante ressaltar que Dafoe assinalou com força em heterossexual e escreveu ao lado **com orgulho**, possivelmente se posicionando de maneira arredia, e que Davis assinalou em bissexual passou corretivo e entregou assinalado em heterossexual.

As duas respostas deixaram indagações que provavelmente sejam esclarecidas no decorrer desta análise com o surgimento das outras perguntas.

A equidade das respostas pode sinalizar que se deseja ou até se impõe pela escola e sociedade sobre uma homogeneidade.

Historicamente, a escola foi marcada por princípios de homogeneidade, e muitos acreditam que só se pode ensinar de modo produtivo em classes homogêneas, onde as crianças e jovens têm a mesma idade, compartilham dos mesmos referenciais culturais, têm a mesma religião, são todas heterossexuais, são da mesma classe social, vêm de famílias igualmente estruturadas e, por conta disso, aprenderiam todas na mesma velocidade e do mesmo modo. (SEFFNER, 2013, p, 148).

A citação traz a tona que a ideia de uma homogeneidade esta realmente presente nos espaços escolares, não somente relacionado a orientação sexual, mas como uma normativa imposta socialmente nos espaços escolares em relação a conduta e suas particularidades, como que se homogeneidade na escola fosse algo vantajoso.

Podemos analisar que se deseja ou espera que os alunos tenham a mesma orientação sexual entre outra característica para melhor aprender, então a heteronormatividade em detrimento de outras condutas sexuais é pensada como exclusiva e correta.

4.5.2 – IMAGENS QUE A PALAVRA HOMOSSEXUAL EVOCA

Aqui junto a este questionamento trouxemos opções para serem assinaladas, a seguir modelo das opções que vinham logo abaixo da pergunta:

- () Um homem
- () Uma mulher
- () Alguém travestido do sexo oposto
- () Outras imagens. Quais?_____.

Esta pergunta foi pensada para compreensão e análise do que a palavra homossexual remete ao imaginário das pessoas. E foi de suma importância manter esta pergunta, pois a mesma possibilitou respostas distintas e inesperadas, nos fazendo refletir o quão as palavras estão veiculadas a rótulos.

Dos quatro professores Stone colocou que a palavra lhe remete a imagem de um homem. Os outros três descreveram que se lembra de uma pessoa que se relaciona sexualmente com outra de outro sexo, ou que tem afinidades e por pessoas do mesmo sexo. Cabe observar que nenhum dos professores entrevistados mencionou as palavras paixão, amor, carinho, ou qualquer outro termo que envolva afetividade nestas relações.

Isto projeta interrogações sobre ausência nos pesquisados da percepção que as relações não heteronormativas envolvem numa gama de sentimentos e sensações.

As respostas dos alunos foram ainda mais diversas e instigantes.

Fischer respondeu que a palavra homossexual lhe remete a imagem de um homem, já Cruise colocou seu X na alternativa Outros, e escrevendo logo em seguida ‘homem gay’, será que quis referenciar um estereótipo de afeminado? É provável que sim, tem no seu imaginário um homem com características femininas. Murray e Turner assinalaram a alternativa: Alguém travestido do sexo oposto, bem como Dafoe que ao lado escreveu a palavra gayzão, reforçando a esta análise que as representações da homossexualidade estão construídas de forma desencontrada, pois a grande maioria dos entrevistados respondeu que percebe a homossexualidade como uma característica que de alguma forma envolve aspectos físicos. Dafoe pela segunda vez demonstra certo preconceito nas suas respostas.

Shepard e Pryce escreveram algo muito parecido; um ser humano como qualquer outro, e uma pessoa comum, respectivamente. Fazendo-nos pensar que uma parcela dos entrevistados conseguem ver além da imagem ou rótulo, compreendendo a pessoa humana na sua inteireza. A resposta Davis foi diferenciada das demais, pois não retratou aspectos da imagem da pessoa homossexual e sim ações que podem envolver esta orientação, a resposta foi a seguinte:

- Lembro-me de agressão, morte, críticas.

Rememoremos que Davis foi quem assinalou em bissexual em determinado momento da sua resposta à entrevista, passou corretivo e entregou assinalado heterossexual. Pairou no ar se Davis por ventura já pode ter sofrido alguma retaliação e ou conviveu com discursos homofóbicos. Pois os preconceitos que envolvem a sexualidade estão presentes nas escolas

4.5.3 – CONCEPÇÕES SOBRE HOMOSSEXUALIDADE.

Ao pensar esta pergunta queríamos investigar se os entrevistados nos colocariam, pois não somos ilhas isoladas, convivemos, assistimos, fomos criados por muitos alguéns, alguéns que emitem opinião, que fazem discurso, que propõem verdades.

O que fomos e o que somos o que foram e o que disseram nossos ancestrais, tudo isso marca nossos corpos, penetra-os e os produz, para o bem ou para o mal. (FISCHER, 2001, p, 213-214).

O que somos e como consequência o que pensamos é resultado de uma série de relações sociais que vivemos ao longo da vida, nossos parentes, professores, amigos, o vizinho, as novelas, os filmes, o jornal enfim tudo o que nos cerca nos influencia. Logo após a referida pergunta dispomos as alternativas seguintes:

- () Televisão. Quais programas?_____.
- () Parentes. Quem?_____.
- () Religião. O que foi mencionado?_____.
- () Leituras diversas. Quais?_____.
- () Pessoas que conhece. Quais?_____.
- () Outros. Justifique_____.

Os entrevistados foram esclarecidos de que poderiam optar por quantas respostas deseja-se. Para assim permitir um maior número de possibilidades aos professores e alunos de expor seu pensamento. Vamos às análises de dados iniciando pelas respostas dos professores e por eixo preenchido para assim podermos confrontar as respostas:

Ford assinalou uma única alternativa: Leituras diversas, e pontuou Jornais, revistas, internet. Não mencionando o que estes veículos de informação lhe proporcionam de influência. E Stone assinalou redes sociais, e também não mencionou quais e de que forma chegam até ele as informações.

Stone assinalou Televisão, escrevendo:

- Novelas, programas nacionais de humor. Stone não mencionou se estas mídias influenciam de modo a perpetuar os preconceitos ou na derrubada dos mesmos.

Stone e Lancaster mencionaram item parente:

Parentes: Stone

- país, primo, avós e tios.

Lancaster:

- País, irmãos, tios, primos.

Nenhum dos dois mencionou quais os tipos de discurso que ouviu dos mesmos.

Religião, tivemos Stone, Hauer e Lancaster que responderam:

Stone colocou a seguinte frase:

- É abominação – maldição.

Já Lancaster:

- Pecado é fazer mal ao próximo.

E ainda Hauer foi à mesma concepção de Lancaster, respondendo:

- O respeito pelo irmão, os discursos distintos podem estar ligados talvez ao segmento religioso ao qual cada pertence, já que quando perguntamos sobre a religião a qual pertencia, os três sinalizaram religiões distintas entre eles. Alguns segmentos religiosos têm perpetuado os discursos de retaliação e desprezo aos homossexuais, e outras têm buscado mudar seus discursos em prol de uma unidade, ou até a manutenção do contingente de fieis, pois é cada vez mais notório ao menos no Brasil e tomada de posicionamentos por parte de muitos homossexuais.

E, em vez de lançar os sodomitas na fogueira, trata-se, agora, de acolhê-los com compaixão a fim de que, na melhor das hipóteses, eles fiquem curados e, na pior, possam viver na abstinência. A hostilidade da Igreja é, atualmente, muito mais sutil, (...). (BORRILLO, 2010, p, 59).

Como vimos às distâncias entre as respostas podem estar veiculadas aos novos posicionamentos de algumas religiões a respeito da homossexualidade. Podendo conforme a religião a que pertence escutar discursos distintos. Avalia-se também que as respostas de Lancaster e Hauer não deixam claro, apesar de citarem a palavra respeito e amor, que haja real aceitação de identidade homossexual de um indivíduo.

Lancaster, Hauer e Stone também assinalaram amigos:

Lancaster:

- colegas e amigos.

Hauer:

- Amigos homossexuais que eu admiro.

E Stone:

- Amigos. Futebol. Churrasco. Almoço dominical. E escreveu que ouvi o seguinte:

- São merecedores do fogo eterno, não merecem viver. Não acredito nisso, mas sempre ouço e brigo muito.

Novamente assistimos uma distância significativa entre as respostas, onde Stone novamente pontua ver discursos de homofobia e Lancaster e Hauer não pontuam o mesmo. Será que a homofobia não acontece nas vidas e presenças de Lancaster e Hauer ou eles não percebem a homofobia acontecendo? Indagação que por enquanto ficará aberta, mais a frente verão como se configura isto.

A seguir as respostas deste mesmo item feitas aos alunos. Nenhum dos alunos assinalou a alternativa referente a televisão, fato curioso aos olhos deste pesquisador, que parou para pensar qual o entendimento de televisão que a juventude de hoje tem. Será que se tivéssemos incluído as palavras - filmes, séries, games teríamos uma abordagem diferenciada? Interessante em se perceber o quão complexo é a análise de dados, pois as mesmas trazem reflexão.

(...), a mídia, ao mesmo tempo em que é um lugar de onde várias instituições e sujeitos falam como veículo de divulgação e circulação dos discursos considerados verdadeiros em nossa sociedade, também se impõe como criadora de um discurso próprio. (...). Poderíamos dizer que hoje praticamente todos os discursos sofrem uma mediação ou um reprocessamento através dos meios de comunicação. (FISCHER, 2001, p, 212).

A palavra mídia se colocada como alternativa poderia ter oportunizado um apanhado mais diverso de respostas, pois como pontua Fischer o poder da mídia sobre os indivíduos é de grande influência nos discursos e nos pensares. Sendo que Fischer considera que pelos meios de comunicação perpassam todos os discursos que uma comunidade profere.

Fischer, Shepard, Dafoe e Davis assinalaram o item Parente como influência nas suas concepções sobre os homossexuais, todos os quatro citaram pais, tios, primos, enfim o parentesco envolvido, mas apenas Dafoe citou algo sobre a maneira esta influência chegou até ele. Respondendo:

- Meus Pais me ensinam a ser homem de respeito.

Mais uma vez deparamos com respostas provocativas por parte de Dafoe.

Cruise, Davis, Pryce e Fischer pontuaram o item Pessoas que conhecem, e descreveram amigos, e inclusive amigos homossexuais, nos remetendo que estas colocações podem ser uma abertura na quebra dos preconceitos ou não, pois no questionamento sobre a imagem que remete a palavra homossexual, dois deles dizem lembrar-se da figura de um homem, outro disse agressões, morte e críticas, e ainda outro diz um ser humano qualquer. As respostas anteriormente tão distintas nos faz pensar que mesmo com opiniões diferentes sobre o imaginário de um homossexual, todos os quatro aqui mencionaram nos seus escritos ter amigos homossexuais, quem sabe a imagem que formulam não interfere nos relacionamentos de amizades que eles possuem.

A partir de agora entraremos nas perguntas abertas, ou melhor, sem possibilidade de marcar alguma alternativa e sim de ter de descrever

sua opinião sobre a mesma. As perguntas são distintas para professores e para alunos, pois estão em posições diferenciadas dentro do espaço escolar, iniciamos com as perguntas feitas aos professores. Mas as perguntas se relacionam entre si, por tanto traremos uma pergunta efetuada aos professores e outra aos alunos e faremos a análise em seguida, onde as respostas estarão dispostas por proximidade.

4.5.4 – AUTO AVALIAÇÃO DO EDUCADOR SOBRE O PREPARO NO TRATO DA TEMÁTICA HOMOFOBIA

Tendo como objetivo saber se os profissionais da educação da escola pesquisada trabalham em suas respectivas matérias temas geradores de debates e no caso aqui a homofobia, pensamos esta pergunta para que se pudesse traçar um perfil de atuação dos mesmos além dos conteúdos básicos previstos e compreender como pensam sobre a importância e relevância de tratar o assunto homofobia.

Ford respondeu de forma breve e direta:

- Muito pouco.

Sinalizando que não se sente preparado ou possui poucos subsídios para tratar do tema em suas aulas, ou dentro da escola.

Hauer segue a mesma linha de pensamento a argumenta ainda mais:

- Não. Preciso ter mais orientação, palestra e leitura sobre o tema.

Indicando que não possui instrumentalização e informações suficientes para tratar o assunto da homofobia no espaço escolar.

Por suas vezes tanto Stone quanto Lancaster se dizem sim preparados para falar sobre a homofobia no espaço escolar. Veremos respectivamente as respostas de Stone e Lancaster.

- Sim. Sou teólogo, palestrante e humanizado. E, tenho ojeriza a quem odeia à sexualidade do próximo.

- Sim, tive uma educação que me orienta a conviver, respeitar e defender as diferenças de cada ser humano.

Cada qual usou de uma argumentação distinta para defender sua opinião de preparo para abordagem da homofobia, um coloca características profissionais enquanto outro coloca sua educação familiar. Isto nos faz pensar se realmente os professores tem preparo técnico para fazerem tais interferências. Vejamos o que aponta a pesquisa que livrou livro *Juventudes e Sexualidade*.

Alguns professores comentam que, apesar de abordarem a questão da homossexualidade pelo lado do respeito humano, é bastante difícil lidar com o assunto, pois os alunos sempre levam para a brincadeira. (CASTRO, ABRAMOVAY, SILVA, 2004, p, 288).

Imagina-se que esta é mesma dificuldade encontrada pelos professores desta escola pesquisada, pela maneira que responderam. Ou ainda que os que dizem se sentir preparados seguem o caminho da

humanização, do respeito ao diverso e não especificamente estão preparados no sentido pedagógico e técnico que se faz necessário.

Veremos agora as percepções dos alunos:

4.5.5 – PERCEPÇÃO DO ALUNO SOBRE O PREPARO DOCENTE PARA TEMATIZAR A HOMOFOBIA

A ideia desta pergunta para os alunos tem objetivo similar à feita aos professores, ou seja, saber se o professor segundo a visão dos alunos tem preparo para debater o tema da homofobia na escola. Organizaram-se as respostas por proximidade para melhor compreensão das concepções dos alunos.

Shepard, Davis, Fischer e Murray pontuam que não, dizem que seus professores não estão preparados para trabalhar a homofobia na escola. Será descrito todas as respostas na íntegra para uma melhor averiguação. As respostas estarão colocadas respectivamente conforme a disposição acima do nome dos entrevistados.

- Não muito, eles deveriam se aprofundar mais no tema.

- Não, eles ficam sem reação, não tem argumento nem vontade.

- Não! Com relação a esse tema, professores expressam suas opiniões pessoais, e influenciando um tipo de pensamento.

- Eu acho que não, é um tema a ser tratado ainda, mas com limites dentro da escola.

Mesmo os quatro alunos dizendo que não acham seus professores preparados para falar da homofobia na escola, suas argumentações foram diferentes. As respostas de Fischer e Murray podem estar demonstrando que relações de poder estão envolvidas em determinados assuntos dentro da escola, onde alguns temas podem estar sendo priorizados em detrimento de outros. A ausência do debate do tema homofobia na escola sentida por parte deste grupo de entrevistados pode estar veiculada a questões disciplinares da própria escola.

O poder disciplinar dispõe de uma tática especial de ordenar as multiplicidades que é mais eficiente porque vem encoberta por tecnologias de saber insuspeitas, criando assim pouca resistência: seu alvo, o indivíduo, torna-se dócil e útil. (ARAÚJO, 2008, p 82).

Estes poderes disciplinares como já vimos anteriormente estão diretamente ligados àquilo que é dito dentro da escola, mas também esta enraizada naquilo que não é dito.

A resposta de Turner se limitou a dizer apenas sim, sem mencionar mais nada, já Pryce e Cruise pontuam que alguns professores tratam do tema, descreveremos as respostas de Pryce e Turner nesta ordem:

- Alguns, e raramente falam a sala não os deixa falar, falam junto já ofendendo os homossexuais.

- Alguns sim, a minoria, porém os que falam sabem orientar sobre o tema.

Na mesma linha de reflexão anterior segundo a perspectiva dos alunos, poucos falam e talvez até evitem falar pelas implicadas relações de poder que o tema envolve.

A resposta de Dafoe é:

- Preparados estão, mas o povo para quem debater o tema esta?

Dafoe argumenta que seus professores na sua concepção estão sim preparados para falar sobre a homofobia, mas acredita que os alunos não estão preparados para ouvir, e trazendo uma análise que pelas suas respostas anteriores o próprio não queira ouvir nada sobre a homofobia. E Dafoe continua escrevendo logo a seguir o seguinte:

- E acho totalmente errado falar sobre este conteúdo, pois se a pessoa quer ser gay que seja, cada um, cada um. Apenas não gosto que alguém queira impor sua sexualidade para o outro. (Riscou um significativo pedaço da continuidade da resposta, impossibilitando a leitura, e abaixo escreveu com letras em maiúsculo: BOLSONARO 2018).

Referindo-se ao debutado federal Jair Bolsonaro, que em muitas ocasiões fez discursos homofóbicos, racistas e favor do retorno ditadura militar entre outros. Dafoe foi o entrevistado que no decorrer desta análise de dados veio em suas respostas demonstrando certa persistência em afirmar sua orgulhosa heterossexualidade e deixando vários vestígios de determinado grau de rejeição aos homossexuais.

Dafoe pensa que seus professores não devam falar sobre homofobia, pois não considera um tema relevante. É provável que se sentisse até incomodado se estas abordagens ocorressem.

Ao verificarmos as respostas da última pergunta conseguiremos ter uma verificação mais apurada sobre Dafoe.

4.5.6 – PERCEPÇÃO DOCENTE DE PRÁTICAS HOMOFÓBICAS NA ESCOLA

Aqui poderá se analisar a homofobia em si, se ela ocorre, onde ocorre e ainda quais os discursos usados para emissão de opiniões sobre tal tema. Novamente irá se agrupar as respostas por proximidade.

Lancaster se reservou a responder apenas o termo não.

Stone, Hauer e Ford ao contrário disseram que sim, que visualizam ações de homofobia dentro do espaço escolar, e suas perspectivas convergem em muitos pontos. Transcreveremos as respostas dos três professores em ordem mencionada pelos nomes dispostos e em seguida seguiremos com uma análise.

- Sim. Professores dizendo: Vocês viram o viadinho que chegou na escola. Olha... Aquele aluno... Se não for bicha é por preguiça. E os alunos dizem: Nossa... Professor... Esses demônios desses viados deveriam fazer igual ao estado islâmico, matar todos no paredão.

- Já presenciei entre alunos, briga entre alunos.

- Sim. No dia adia na sala de aula, de maneira bastante agressiva e nos conselhos de classe.

As três respostas deixam transparecer que o problema da pesquisa é realmente presente nos espaços escolares tornando-o pertinente

de ser abordado nesta dissertação. Os discursos nos remetem que a homofobia que é formada por relações de poder está presente tanto nos discursos de professores quanto estudantes segundo a visão deste grupo de entrevistados. Os discursos estão carregados de intenções, resultantes e engendrados de poder e saber. O discurso aqui descrito sobre a presença da homofobia tanto nas salas de aulas como em reuniões de professores, nos fazem pensar.

Non há discurso sem poder. Non há discurso sem desejo. O discurso é o lugar do desejo. Mas no desejo existe ambigüidade. O desejo de falar e o desejo, às vezes, de não ser aquele que deve romper com o silêncio. (...). Cada instituição tem tacitamente delimitado o que se pode e o que não se pode dizer dela, o que se pode e o que não se pode fazer. (DÍAZ, 2012, p. 87).

A escola é uma instituição disciplinadora, e é um espaço por onde todos passam em algum momento das suas vidas, é um lugar normalizador, que visa homogeneizar as individualidades. Quando professores falam da chegada de um viadinho, quando alunos dizem que os homossexuais devam ser exterminados e isto no mesmo espaço escolar verificamos que a homofobia é presente e constante, talvez silenciando muitos indivíduos entre professores e estudantes a silenciar suas sexualidades para se encaixar ao grupo e não sofrer represálias.

4.5.7 – PERCEPÇÃO DISCENTE DE PRÁTICAS HOMOFÓBICAS NA ESCOLA

Como anteriormente a pergunta feita aos professores e agora aos alunos poderá através de uma análise verificar a homofobia no espaço desta escola, se ela ocorre, onde ocorre e quais os discursos usados para emissão de opiniões sobre tal tema. Iremos agrupar as respostas por proximidade.

Davis respondeu que não e complementou:

-Não e desejo que nunca aconteça.

Shepard, Fischer, Murray, Cruise, Pryce, Turner e Dafoe dizem que sim, que já visualizaram ações de homofobia acontecendo na escola, agora se descreverá o que cada um relatou na respectiva ordem que estão seus nomes acima, pois se trata de respostas com opiniões aproximadas nas percepções deste grupo de alunos, e logo após traremos uma análise dos discursos.

- Sim, um estudante foi homofóbico com outro estudante.

- Já por colegas com outros colegas.

- Várias vezes, por estudantes discriminando outros pela sua opção sexual, chamando vários nomes etc. O excluindo do conjunto escolar ou até mesmo dentro de sala de aula.

- Sim, amigos meus sofriam por serem homossexuais, pois eles eram alvos de palavrões e até mesmo agressões.

- Sempre tem os alunos que ficam chamando os outros de viados, olhe aquela bixa, isso incomoda bastante aquela pessoa que passa por isso.

- Sim, por parte de estudante, falando tipo assim: Olha lá o viado vindo. Isso eu acho errado.

- Por parte de alunos sim, diariamente, mas por serem cabeças pequenas e não entenderem o que se trata. (Dafoe riscou uma palavra no final desta parte da sua escrita, que parece ser o termo doença).

Dos oito alunos entrevistados apenas um diz não presenciar homofobia no espaço escolar, e os outros dizem que sim inclusive alguns relatam com palavras afirmativas como: diariamente, sempre, várias vezes, trazendo a tona que as ações voltadas à homofobia são recorrentes na escola. Curioso notar que segundo as respostas dos alunos as agressões verbais são as mais referenciadas, ou seja, a intenção do discurso é proferida para desabonar os colegas que julgam ser homossexuais.

Sabe-se que nas relações de poder o discurso é um dos elementos utilizados para manifestar força, e também para manifestar resistência. As palavras proferidas têm peso, têm intencionalidades, indo muito além da mera expressão, até porque foi pontuado que inclusive agressões são percebidas, talvez se as palavras não causem àquilo que se intencionava a segunda ação serão as agressões.

(...) o discurso ultrapassa a simples referência a coisas, existem para além da mera utilização de letras, palavras e frases, não pode ser entendido como um fenômeno de mera expressão de algo: apresenta regularidades intrínsecas a si mesmo,

através das quais é possível definir uma rede conceitual que lhe é própria. (FISCHER, 2001, p, 200).

Quando os alunos chamam outros alunos por nomes pejorativos a intensão é ferir, menosprezar e demonstrar status de poder nesta relação, já que como vimos anteriormente o socialmente comportamento bem vindo pela escola é a heteronormatividade, então toda e qualquer situação não correspondente é colocada em um discurso negativo. Mas nesta análise das falas dos entrevistados podemos visualizar situações de resistência, pois as mesmas estão presentes nas relações de poder, quando alguns alunos colocam que sentem incomodo, que não concordam com estas ações, que não querem ver isto acontecendo deixa claro suas manifestações na contrapartida da homofobia. Todo movimento entre as relações de poder sempre estão envolvidas uma série de situações inclusive positivas, o poder não pode ser compreendido como algo somente negativo.

Se o poder fosse somente repressivo, se não fizesse outra coisa a não ser dizer não, você acredita que seria obedecido? O que faz com que o poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como uma força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso. (FOUCAULT, 2014, p 44-45).

O poder deve também ser considerado numa perspectiva produtiva onde as resistências acontecem o tempo todo, as demonstrações anteriores do que podemos chamar de indignações contra as ações homofóbicas são demonstrações de um contra poder destas relações na escola. Quando se perguntou aos professores e aos alunos se presenciaram a homofobia no espaço escolar nas suas rotinas, o grupo de estudantes foi os que manifestaram as maiores demonstrações de indignação e porque não solidariedade aos que sofrem estas agressões seja pelas palavras ou atitudes. Podemos pensar que por estarem justamente numa posição hierárquica inferior dentro da escola em relação aos seus professores, os alunos manifestam suas indignações para poderem mostrar suas opiniões e poder.

As entrevistas trazem um diagnóstico a serem refletidas sobre a homofobia neste espaço escolar, as ações homofóbicas ocorrem segundo a maioria dos entrevistados, e ocorre com muita frequência, porém as atitudes tomadas pela escola são sem efeito, mas não tratam a homofobia de forma específica e com as particularidades que precisaria. Os professores não se sentem capacitados para abordar o tema, e a grande maioria dos alunos também pensam que seus professores não estão preparados para o enfrentamento da homofobia. Praticamente todo o grupo entre estudantes e alunos já presenciou situações voltadas a homofobia dentro do espaço escolar, porém nos deixam a mensagem que ninguém quer iniciar estes debates.

E não seria exatamente este o ponto crucial, quem e quando estaremos preparados para falar sobre homofobia se ninguém começar o assunto dentro das escolas?

Dos alunos oito entrevistados um deles deixou vestígio que tem determinado grau de homofobia, nos seus posicionamentos de enaltecer a heterossexualidade, dizer que seu pai lhe ensinou a ser homem, que homossexual se veste de trajes do outro sexo, que a escola não deve debater estes assuntos e que não gosta de ninguém que tente impor sua sexualidade para o outro. Se contarmos por base este sistema de amostragem onde um de cada oito estudantes um tiver algum grau de homofobia numa escola com 598 alunos, como é o caso aqui, teríamos então uns 70 alunos que não toleram a homossexualidade. Demonstrando assim que o regime da heteronormatividade é presente nos espaços escolares e que as relações de poder são exercidas tanto para manutenção deste regime heteronormativo, quanto demonstrações de resistências desta lógica.

A escola é um espaço onde as relações de poder se manifestam o tempo todo, nunca de um lado só, nunca trará apenas imposição e submissão, porém por vezes e no caso da homofobia poderia se ter um equilíbrio maior e mais proveitoso nas relações de poder. Se a escola, seus professores e mesmo os alunos tirassem este tema de tabu social e o trouxesse para as salas de aula, bem como outros tantos assuntos que permeiam as relações sociais da escola, provavelmente a escola e a vida de todos que lá estão inseridos seria mais saudável e harmônica.

Mesmo não tendo nesta pesquisa nenhum relato de alguém homossexual, para contar seu ponto de vista, ficou claro que neste ambiente a heteronormatividade é favorecida e como já pontuamos muito bem vinda.

CONSIDERAÇÕES FINAIS, MAS PROVISÓRIAS.

Neste estudo buscou-se refletir sobre as questões que envolvem a homofobia dentro de um espaço escolar de Lages SC, homofobia esta que está envolvida diretamente nas relações de poder que permeiam as interações sociais dentro desta instituição. Como tudo que envolve relações humanas são dinâmicas construídas historicamente fez-se necessário um estudo embasado nos que já estudaram poder, sexualidade, normalização de condutas, espaços disciplinadores dentre outros temas que aqui estão contemplados.

O resultado da pesquisa foi obtido pela averiguação numa turma de terceiro ano de ensino médio de uma escola estadual de Lages SC, sobre como se constroem as relações de poder que envolvem a heteronormatividade e consequente homofobia nos espaços escolares. Para tal averiguação foi indispensável uma investigação bibliográfica que proporcionasse subsídios teóricos. Nesta a averiguação a leitura investigativa primou por pontos que contribuíssem com o foco central dos nossos objetivos e também para oportunizar a ampliação de conhecimentos que cerceiam o tema homofobia. Uma vez que nada é isolado como fenómeno histórico, fizemos uma análise buscando na escrita dos capítulos momentos que fossem abrindo caminho e permitindo maiores compreensões da proposta.

O alicerce epistemológico da investigação foi constituído principalmente pelas obras Vigiar e Punir, Microfísica do Poder e História da Sexualidade 1: A Vontade de Saber do filósofo Michel Foucault, pois este estudioso tem grandes contribuições para revermos teorias e modos

de pensar acerca do dispositivo da sexualidade, das relações de poder, das disciplinas como condutoras dos corpos e ainda das instituições que foram criadas para normalizar condutas compreendidas como desviadas.

Vimos no primeiro capítulo desta dissertação os porque acreditamos numa chamada hipótese repressiva, pois durante muito tempo principalmente após a subida dos regimes burgueses ao poder no século XVII se difundiu pela sociedade ocidental moderna as concepções que a sexualidade havia sido reprimida e silenciada, Foucault faz o exercício reflexivo oposto e propõe que na verdade esta concepção repressiva cria vontades de saber, aguçá os discursos sobre o sexo. Os estudos de Foucault aponta que ao contrário do silenciamento fala-se então muito sobre o sexo pondo em xeque a hipótese repressiva. Tudo envolto em relações de poder que são dinâmicas e nunca unilaterais.

Importante também foi trazer ainda no primeiro capítulo os exercícios de poder na fabricação de corpos, o tema poder são encontrados em muitos dos estudos de Foucault, onde ele nos indica uma diferente maneira de analisar o poder, que segundo o referido filósofo o poder esta em toda parte e em todos os lugares. Onde as resistências acontecem o tempo todo e se manifestam de várias maneiras, assim percebemos o quão o poder pode ser produtivo, Foucault lembra-nos sempre que o poder não é vertical, não acontece de cima para baixo, mas sim se espalha por todos os lados. As técnicas de poder também não podem ser compreendidas apenas como ruidosas, elas são sutis e por vezes quase passam despercebidas, e a escola moderna representa bem este modelo de instituição disciplinar, que através de normativas, regras, e discursos, às vezes explícitos outros tantos implícitos mantem corpos sobre seu olhar austero e vigilante.

No segundo capítulo falamos das confissões da carne, ainda dentro da hipótese repressiva onde se criam mecanismos que possibilitem discursos sobre o sexo e a sexualidade. Todo discurso este diretamente envolvido numa intencionalidade e na manutenção do poder. Lembrar que os discursos não são somente os ditos, mas também os não ditos, que intencionam impor regras e normativas vigentes. Segundo a concepção dentro da hipótese repressiva os discursos visavam dominar condutas e por as mesmas em ordem. Para se falar sobre o sexo criasse todo um sistema de confissão, uma expansão discursiva se espalha em vários espaços que permitem e incentivam a se falar tudo sobre o sexo. A confissão serve para que cada indivíduo fale sobre suas intimidades, exponha seus desejos mais profundos, seus atos, seus prazeres, suas particularidades, servindo como mecanismo disciplinar, assim pretende-se manter o poder. Uma ciência do sexo é colocada em prática para se conhecer o máximo possível sobre os desejos, anseios que envolvem a sexualidade e o sexo. A escola moderna pode ser considerada um espaço de confissão e um espaço de regulação e os estudos deste capítulo trazem à luz dos nossos estudos as permanências deste dispositivo de confissão nos dias de hoje, de que forma é mantida e efetuada. Confissões estas que vão muito além da hierarquia social da escola, confissões que envolvem os pares, professores delatam professores e alunos delatam outros alunos e inclusive professores criando a partir da confissão um excelente modelo de controle e vigilância. E foi exatamente o que observamos na escola pesquisada.

Já no terceiro capítulo fez se necessário abordar de maneira mais minuciosa a escola enquanto instituição que mantém sua austeridade e controlando condutas através da vigilância e disciplina. A escola é uma

instituição disciplinadora, e tem sua constituição nos séculos XVIII e XIX, junto com os hospícios, quartéis, hospitais, prisões tem por finalidade a normalização dos corpos. A escola é um espaço que pretende controlar, vigiar e normalizar corpos através de dispositivos disciplinares, tais como horários, regras, organização dos espaços sociais, divisão em turmas, modelos a serem idealizados e punições. Verifica-se então como foi fundamental trazer este capítulo no corpo desta dissertação para compreendermos os processos que constituíram a escola atual e suas complexas relações de poder que como vimos tem raízes históricas profundas e se mantem perpetuadas no cotidiano de professores e alunos.

Mas esta mesma escola pode ser compreendida como um espaço de transformação, um espaço de possibilidades, pois as resistências ocorrem o tempo todo, e espera-se que os profissionais inseridos neste espaço, além do controle e vigilância tenham habilidades em promover ações que visem à quebra de paradigmas e rompimento com tradições seculares que impõe condutas, tidas como certas ou erradas, como boas ou más. Foucault acredita que as instituições disciplinares, no caso aqui a escola fabricam sujeitos, já a pedagogia acredita que a escola transforma sujeitos, poderíamos pensar que para ambos na escola então poderão surgir novos sujeitos. Então não pode negar que a escola tem também potencial de resinificar a si própria. É ainda um espaço homogeneizante, um espaço onde a normalização é pretendida. Porém revisões precisam ser revistas, modelos arcaicos deveriam ser repensados, para que a escola moderna ocidental tenha novas práticas e ações em prol de um coletivo mais abrangente que os previstos na heteronormatividade.

A pesquisa dentro do espaço escolar oportunizou muitas reflexões, muitas dos objetivos e das hipóteses foram respondidas, e

outras tantas interrogações surgiram. As pesquisas são assim, respondem, mas também abrem tantas outras possibilidades. A etapa das observações foi tão fundamental e acabou por entrar no corpo desta dissertação, observações estas que proporcionam perceber na prática as teorias expostas nos capítulos anteriores, ou seja, às relações de poder que estão em toda parte e que de todos os lados, a sexualidade heteronormativa como ideal a ser seguido para normalização das demais sexualidades, observamos os dispositivos disciplinares sendo aplicados, observou-se o dispositivo do panoptico em função da vigilância. Nas observações ouvimos os discursos impondo verdades e inclusive visualizamos a homofobia acontecendo. Sendo assim esta etapa da construção da dissertação nos permitiu ampliar a própria pesquisa, oportunizou que além das entrevistas em si que pudéssemos averiguar a escola com outros olhos, na sua inteireza.

Tivemos poucas dificuldades no caminho da pesquisa, pois a escola no geral foi acolhedora e se pôs ao dispor, direção, professores e alunos, principalmente os alunos, que foram generosos durante todo processo, oferecendo todo suporte necessário para que o pesquisador pudesse desenvolver seus trabalhos com qualidade e autonomia. As poucas dificuldades se deram devido à falta de algum professor as rotinas do terceiro ao eram mudadas o que por duas vezes acabou por interferir nas observações, pois a turma era dispensada a sair mais cedo, o que acarretava no atraso da coleta de dados.

As entrevistas foram reveladoras, os objetivos pretendidos foram alcançados, a pesquisa revelou a presença da heteronormatividade e as ações da homofobia nas rotinas desta escola, e foram ainda mais a frente evidenciando como ocorrem as dinâmicas que envolvem as relações de

poder neste espaço, que ultrapassam a lógica unilateral de poder. Vimos em vários momentos resistências acontecendo, e as entrevistas também confirmaram o mesmo. As respostas foram reveladoras e oportunizaram uma análise de dados maior que pretendida inicialmente, pois tanto professores quanto alunos trouxeram a luz respostas das vivências nesta escola que demonstra que a homofobia ocorre, por vezes de forma velada, através das conversas e risadas na sala dos professores, por outras ela surge de forma direta, em ações discursivas e físicas nos corredores e pátio da escola. A pesquisa mostrou que para alguns a homofobia é tratada como brincadeira, algo menor e que para outros é algo sério que fere machuca. Revelou ainda que professores não se sentem preparados, capacitados para tratar o tema da homofobia, e que alunos não percebem por parte da escola engajamento para o início desta conversa, e inclusive um dos entrevistados, pensa que este tema não deva ser discutido na escola, pois não quer que imponham sexualidades diferentes para ele.

A pesquisa deixou muitas lacunas e janelas para que tantas outras pesquisas sejam feitas sobre a homofobia nos espaços escolares, o pesquisador confessa que algumas inquietudes surgiram. E ao mesmo tempo têm a consciência que o tema não se esgota que esta pesquisa não respondeu tudo, que esta pesquisa foi geradora de reflexões para futuras outras pesquisas, onde agora com mais experiência investigativa poderá seguir outros caminhos, pretende-se dar continuidade investigativa do tema dentro dos espaços escolares, utilizaremos esta aqui como experiência muito válida, pois resultou numa dissertação, e nos permitiu estudar muito, crescer e ficar mais forte, e acima de tudo perceber que tudo é inacabado.

5 - Poema “SER EU”

Tão sensível!
Tão forte!
Com tanto calor!
Mais que sarcástico
Simplesmente Fantástico;
A Veracidade
A Aglomeração
De um povo feliz!
Alegre e com competência...
Suficiente pra mostrar sua capacidade
Em se impor...
Saltar o coração de quem os vê;
Mostra sua capacidade em se assumir
Orgulho do que é...
É ser e mostrar!
Fazer milhões de pessoas se unirem
Por única causa...
Auspício de todos
Vedes como é colorido e rigoroso
Nosso símbolo...
Todas as cores reunidas;
Em único amor;
Em ser gay!
Decadência de teu preconceito;
Acreditamos nesta
Causa inerente,
Ser seu objetivo
E seguir sempre adiante;
Com o coração colorido...
Da nossa felicidade;
Em criar e ser...
Verdadeiros artistas
Refugiam-se perante
A este paradoxo.
Alegre é quem é;
E não o esconde;
Tristes são o do tal preconceito
Feito só de receio.

Isis Andrade

REFERÊNCIAS

□ **ABRAMOVAY, M, CASTRO, M.G, SILVA, L.B. Juventudes e sexualidade.** Brasília: UNESCO Brasil, 2004.

□ **ALEIXO, Caroline** in [www://g1.globo.com/minas-gerais/triangulo-mineiro/noticia/2016/11/mortes-de-homossexuais-preocupam-grupos-lgbts-em-uberlandia.html](http://g1.globo.com/minas-gerais/triangulo-mineiro/noticia/2016/11/mortes-de-homossexuais-preocupam-grupos-lgbts-em-uberlandia.html). Download em 16/02/2016.

□ **ALVAREZ, M. C. (1999). Michel Foucault e a ordem do discurso.** In A. M. Catani& P. Martinez (Orgs.), Sete ensaios sobre o Collège de France. São Paulo: Cortez.

□ **ARAÚJO, Emanuel. Teatro dos Vícios.** Transgressões e transigência na sociedade urbana colonial. Rio de Janeiro. Editora Universidade de Brasília UNB. 1993.

□ **ARISTIMUNÕ, Felipe. O professor e a hierarquia de poder na escola na modernidade.** In: [http://aristimunõ.wordpress.com/2013/03/08, O-professor-e-a-hierarquia-de-poder-na-escola-na-modernidade/](http://aristimunõ.wordpress.com/2013/03/08/o-professor-e-a-hierarquia-de-poder-na-escola-na-modernidade/)Download: 16/12/2016.

□ **BORRILLO, Daniel. Homofobia: história e crítica de um preconceito.** Belo Horizonte: Autêntica Editora. 2010.

□ **BRASIL.** Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural e orientação sexual /** Secretaria de Educação Fundamental. 2^a.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

□ **CAMBI, Franco. História da Pedagogia.** São Paulo. UNESP. 1995.

□ **CASTELLS**, Manuel. **O Poder da Identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

□ _____ **Identidades Terminais**. Petrópolis: Vozes, 1996.

□ _____ (ORG). **O Sujeito da Educação: Estudos Foucaultianos**. Petrópolis: Vozes, 1995.

□ **CATARINENSE** Diário In: 04/05/2015. Pág.23

□ **CÉSAR**, Maria Rita de Assis. **Da escola disciplinar à pedagogia do controle**. Tese de Doutorado. FE – UNICAMP, 2004.

□ _____ **Gênero, sexualidade e educação**: notas para uma ‘epistemologia’. Educar em Revista. Número 35. Curitiba: Editora UFPR, 2009.

□ **FERRARI**, Juliana Spinelli Brasil Escola. In: (<http://www.infoescola.com/psicologia/homofobia/>) download 01/04/2016.

□ **FOUCAULT**, Michael. **História da Sexualidade I**. A vontade do saber. Rio de Janeiro: Graal, 1999. Belo Horizonte. Autêntica Editora. 2010.

□ _____ **História da Sexualidade II**. O uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

□ _____ **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro/ São Paulo: Terra & Paz, 2015.

□ _____, Michel. **Herculine Barbin: O diário de um hermafrodita**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.

□ _____, **Vigiar e Punir**. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1984.

□ **FURLANI**, Jimena. (org.) **Educação Sexual na Escola**. Florianópolis. UDESC. SECAD/MEC. 2008.

□ _____ **Educação sexual na sala de aula: relações de gênero, orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito às diferenças**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

□ **FUXICO**, o In: (https://pt.Viva_o_Gordo#Personagens).
Download 13/04/2016

□ **FUXICO**, o. In: (https://pt/wiki/Jorge_Lafond). Download em
13/04/2016

□ **INFORMAL** Dicionário.

In:<http://www.dicionarioinformal.com.br/heteronormatividade/>download
11/05/2016.

□ **JUNQUEIRA**, Rogério. **A homofobia não é um problema**. Aqui não há gays nem lésbicas. São Paulo. Revista de Psicologia da UNESP. 2010.

□ _____(org.) **Diversidade sexual na educação:** problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília: Ministério da Educação/UNESCO, 2009.

□ **KNOX**, Edward. **Enciclopédia Atual do Sexo**. Rio de Janeiro. Editora Fase. 1985.

□ **GUAZELI**, Paulo. **Viva a Vida**. Ensaios de Bioética. São Paulo. O Recado. 1984.

□ **JOBIM**, Alexandre. Dicionário Gay. In. <http://www.netgay.com.br/dicionario.asp>). Download 16/05/2016.

□ **LOURO**, Guacira Lopes ORG, **O corpo educado**. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2001.

□ _____, Guacira. Lopes. **Gênero, sexualidade e educação:** uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

□ _____ **Um corpo estranho**. Ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2004.

□ **MOTT**, Luiz. **Escravidão, Homossexualidade e demonologia**: São Paulo: Ícone, 1988.

□ _____ **Causa Mortis: Homofobia**. Grupo Gay da Bahia, 2001.

□ _____ **Étno-História da Homossexualidade na América Latina**. Pelotas. UFPel, 1994.

- _____ **O Sexo Proibido**. Campinas: Papyrus, 1988.
- _____ Luiz Roberto de Barros. **O/A jovem homossexual na escola**. Noções básicas de Direitos Humanos para Professores/as da Educação Básica No prelo.2009.
- **OLIVEIRA**, Paloma Rezende. **Os processos de feminização e feminilização do magistério no Brasil**. Barbacena: UEMG. 2015.
- **OLIVEIRA**, Pêrsio Santos dos. **Introdução a Sociologia**. São Paulo: Ática, 2001.
- **POLLAK**, Michael. **Os homossexuais e a AIDS**. São Paulo, Estação Liberdade, 1988.
- **PRIORE**, Mary Del. **Histórias Íntimas. Sexualidade e Erotismo na História do Brasil**. São Paulo, Planeta, 2011.
- **RIBEIRO**, Milton.
(<http://www.dicionarioinformal.com.br/viado/>). Download
19/11/2016
- **SALIH**, Sara. Judith Butler, **A teoria queer**. Tradução e notas por Guacira Lopes Louro. Belo Horizonte. Autêntica editora, 2012.
- **SANTA CATARINA**. Governo do Estado. Secretaria de Estado da Educação. **Proposta curricular de Santa Catarina: formação integral na educação básica**. Secretaria de Estado da Educação. 2014.

□ **SEFFNER**, Fernando. **Siga-me os bons**. Apuros e aflições nos enfrentamentos regime da heteronormatividade no espaço escolar. São Paulo. Educ. Pesqui. 2013.

□ **SENNETT**, Richard. **Carne e Pedra**: corpo e a cidade na civilização ocidental. Rio de Janeiro: Best Bolso, 2008.

□ **REIS**, Toni. **Educando para a diversidade**. Como discutir a homossexualidade na escola? Curitiba: CEPAC, 2004.

□ **REUBEN**, Dr. David. **Tudo o que você gostaria de saber sobre sexo**. Rio de Janeiro: Record, 1969.

□ **SILVA**, Tomaz Tadeu. **O Sujeito da Educação**. Estudos Foucaultianos. Petrópolis: Vozes, 1995.

□ _____ **Identities Terminais**. Petrópolis: Vozes, 1996.

□ _____ **Identidade e Diferença**. Petrópolis: Vozes, 1996.

□ _____ **Documentos de Identidade**: Uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

□ **SCHULMAN**, Sara. **Boêmia dos Ratos**. Rio de Janeiro: Record, 1997.

□ **TREVISAN**, João Silvério. **Devassos no Paraíso**. São Paulo. Record, 2000.

□ **VAINFAS**, Ronaldo. **ORG. História e Sexualidade no Brasil**. Rio de Janeiro. Graal. 1986.

□ **VASCONCELLOS**, Naumi. **Amor e Sexo na Adolescência**.
São Paulo. Moderna. 1985.

6-ANEXOS

6.1-Questionário

6.2-Cronogramas da Pesquisa

6.3-Declarações de Compromisso do Pesquisador Responsável

6.4-Declarações de Ciência e Concordância das Instituições Envolvidas

6.5-Aprovação no Conselho de Ética em Pesquisa CEP

6.1- Questionário

QUESTIONÁRIO SEMIESTRURADO A SER APLICADO NUMA ESCOLA COM ESTUDANTES, PROFESSORES E EX-ESTUDANTES DE UMA ESCOLA EM LAGES:



Vocês estão sendo apresentados (as), a um questionário que chamamos de semiestruturado, pois no mesmo irão constar perguntas fechadas e abertas, ou seja, algumas perguntas vocês vão apenas assinalar a resposta que mais se aproxima das suas REALIDADES e VERDADES, em outras vocês terão a oportunidade de expor seu pensamento através da escrita. ***Como já é sabido por vocês o sigilo e discrição de toda e qualquer resposta é GARANTIDO por este PESQUISADOR e pelo CONSELHO de ÉTICA e PESQUISA CEP.*** Tanto que cada qual de vocês estão recebendo este questionário dentro de um envelope fechado, onde encontrará no lado esquerdo superior um codinome de identificação, à exemplo (***DAVIS***), que serão sobrenomes de astros e estrelas do cinema da década de 1950, estes codinomes serão necessários para que este pesquisador possa tabular os dados com mais precisão e ***ÉTICA.***

A importância da sinceridade nas respostas é fundamental para que juntos tenhamos reflexões sobre o tema proposto, por tanto não se intimide.

BLOCO I
DADOS GERAIS
PARA TODOS (AS).

- 1) Qual seu sexo biológico? Assinale:

 Masculino
 Feminino;

- 2) Nesta Escola você é? Assinale:

 Estudante
 Professor (a).
 Ex estudante.

- 3) Qual sua idade? ____.

- 4) Em que série/ano você estuda ou estudou na escola? Se for professor além da turma do terceiro ano cite quais os outros segmentos que atua. (médio e ou fundamental):

- 5) A qual etnia você se considera pertencer? Assinale:

 Negra
 Indígena
 Branca
 Oriental
 Outras: Cite seu pertencimento:

- 6) Você frequenta ou pertence a algum segmento religioso? Se SIM cite o qual. E se não justifique os porquês.

BLOCO II
DADOS ESPECÍFICOS

1) A qual orientação sexual você julga pertencer? Assinale:

- Homossexual
- Heterossexual
- Bissexual
- Outras: Cite _____

2) Quanto você ouve a palavra HOMOSSEXUAL qual é a primeira imagem que lhe vem à cabeça? Assinale:

- Um Homem
- Uma mulher
- Alguém travestido do sexo oposto
- Outras imagens. Quais? _____

3) De onde você acredita que formulou e formula suas concepções e ideias para dar opinião a respeito da homossexualidade? PODE ASSINALAR quantos quiser. E descreva sobre.

- Televisão. Quais programas? _____
- Parentes. Quem? _____
- Segmento Religioso. O que foi dito? _____
- Leituras diversas. Quais _____.
- Pessoas que conhece? Quem? _____
- Outros. Justifique _____

6.2 –Cronograma da Pesquisa

Nº	Descrição Da Etapa	Tempo
1	Elaboração Da Pesquisa	Primeiro Semestre/2016
2	Ida à escola se apresentar e marcar dias das observações.	Junho e Julho de 2016
3	Processo De Entrevistas E Coleta De Dados	Agosto e Setembro de 2016
4	Análise E Coleta Das Informações E Inserção Na Dissertação.	Outubro, Novembro de 2016
5	Discussão Com Orientadora Para Ajustes Finais	Janeiro de 2017
7	Entrega Da Dissertação	Janeiro de 2017
8	Defesa De Banca	Fevereiro de 2017

6.3 - Declaração de Compromisso do Pesquisador Responsável



UNIVERSIDADE DO PLANALTO CATARINENSE

DECLARAÇÃO DE COMPROMISSO DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL

Eu, Carmen Lucia Forman Dias Pesquisador Responsável do Projeto de Pesquisa "A percepção motivacional nos espaços acadêmicos de Lages SC. Uma abordagem em ^A meio de ^A 1986 a 0 ^A de ^A 2016."
declaro o meu compromisso em anexar os resultados da pesquisa na Plataforma Brasil, assegurando a confidencialidade e a privacidade, a proteção da imagem e a não estigmatização dos participantes da pesquisa, garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas e/ou das comunidades, inclusive em termos de autoestima, de prestígio e/ou de aspectos econômico-financeiros (Resolução 466/12 - CNS).

Lages, 01 de Junho de 2016.
Lages/SC (dia) de (mês) de (ano).

Carmen Lucia Forman Dias
Assinatura do Pesquisador Responsável
(preencher o nome do pesquisador responsável)

UNIPLAC/PPGE
Mestrado em Educação

Érico Paes de Campos
Assinatura do Pesquisador Assistente
(preencher o nome do pesquisador assistente)

PROF. ÉRICO PAES DE CAMPOS
HISTORIADOR - PALESTRANTE
Port./MEC nº 759 de 13/10/2006
MESTRANDO EM EDUCAÇÃO
Fones (49) 9937-6303

6.4 -Declaração de Concordância das Instituições Envolvidas



UNIVERSIDADE DO PLANALTO CATARINENSE

DECLARAÇÃO DE CIÊNCIA E CONCORDÂNCIA DAS INSTITUIÇÕES ENVOLVIDAS

LAGES, 01 DE JUNHO DE 2016
Local e data

Com objetivo de atender às exigências para obtenção do parecer do Comitê de Ética em Pesquisa – CEP – UNIPLAC, os representantes legais das instituições envolvidos no projeto intitulado "A HETERODIRMATIVIDADE NOS ESPAÇOS ESCOLARES DE LAGES SE UMA ANALOGIA ENTRE O ANO D'1966 10 DE 2016" declaram estarem cientes e de acordo com seu desenvolvimento nos termos propostos, lembrando aos pesquisadores que na execução do referido projeto de pesquisa serão cumpridos os termos da Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde.

Comen Lucia Formosa Dias  **UNIPLAC/PPGE**
Mestrado em Educação

Assinatura do Pesquisador Responsável
(preencher o nome do pesquisador e o nome da instituição)


Luiz Carlos Pfeiffer
Reitor

Assinatura do Responsável pela Instituição Proponente

(preencher o nome do responsável pela Instituição Proponente (Reitor, ou seus substitutos) e o nome da instituição)

Humberto A. de Oliveira 
Humberto A. de Oliveira
Matrícula 284.454-0-03
Gerente de Educação
Ato nº 85 de 14/01/2015

Assinatura do Responsável da Instituição Co-Participante

(preencher o nome do Responsável pela instituição Proponente e o nome da instituição)

